

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA-UNIVERSIDADE CATOLICA DE
MOÇAMBIQUE

CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIA POLÍTICA: GOVERNAÇÃO E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

MESTRADO CONJUNTO EM CIENCIA POLITICA, GOVERNACAO E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

A VIOLÊNCIA POLÍTICA EM MOÇAMBIQUE DE 1966 A 1988:

O CASO DO PADRE MATEUS PINHO GWENGERE

BAPTISTA COMESSÁRIO CAETANO

Dissertação do Mestrado em “Ciência Política, Governação e Relações
Internacionais”

Orientadora: Prof. Doutora Elisabete Azevedo-Harman

Co-orientador: Pe. Luís Alberto

Beira

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA-UNIVERSIDADE CATOLICA DE
MOCAMBIQUE

CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS POLÍTICAS: GOVERNAÇÃO E
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MESTRADO CONJUNTO EM CIENCIA POLITICA, GOVERNACAO E RELACOES
INTERNACIONAIS

A VIOLÊNCIA POLÍTICA EM MOÇAMBIQUE DE 1966 A 1988:

O CASO DO PADRE MATEUS PINHO GWENGERE

BAPTISTA COMESSÁRIO CAETANO

Dissertação do Mestrado em “Ciência Política, Governação e Relações
Internacionais”

Orientadora: Prof. Doutora Elisabete Azevedo-Harman

Co-orientador: Pe . Luís Alberto

Beira, Abril 2015

É preciso reconhecer o sentido da História para nela sabermos inserir, pois, quando aderimos demasiadamente à História que é, deixamos de ser capazes de fazer a história que deve ser: (...)É o processo de todos os conformismos. -Mounier-

"Os homens iminentes tem a terra por túmulo (...) Invejai pois a sua sorte, e dizer a vois próprios que a liberdade se confunde com a felicidade e a coragem com a liberdade – e nao olheis com desdém os perigos da guerra. (...), pois para mim um homem pleno de brilho, a vergonha causada pela cobardia é bem mais doloroso do que a morte que se enfrenta com coragem animado por uma esperança comum."

- Péricles-

DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que o presente trabalho foi por mim elaborado a partir dos recursos que ao longo do mesmo se fazem referência, bem como nas orientações do meu supervisor.

Baptista Comessário Caetano

DEDICATÓRIA

À memória de José Chico Caetano meu pai;

À Florença Comessario Vjarona minha mãe;

À Lúcia Francisco João Caetano, minha esposa.

À Zita, José, Chico, Victor, Amélia, Keren, Teresa Arminda, Joel Jussa e Nsai meus filhos.

Ao Dr. Simone Jesuina Gimo – Director da Escola Adventista do 7º Dia Manga que sempre este ao meu lado na elaboração deste trabalho – meu afiliado.

Ao Dr. Sérgio P. Mangarela – Director da Escola Ellen & White na Manga.

Aos meus afiliados e companheiros na batalha dr. Simone de Jesuina Gimo e sua esposa que sempre contei com ajuda deles.

A Dra. Isabel Damião Domingos Fereira Ntefula Damião a minha galvanizadora – actual gerente da Emose-Beira.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Sisínio Jafa pelo apoio moral tornando possível que como professor – aluno que resultou este trabalho.

Aos professores da faculdade de Comunicação e Educação da UCM que contribuíram significativamente para a actualização dos meus conhecimentos e para o desenvolvimento da minha capacidade de análise em relação da Educação particularmente aos Drs. Romeu e Dovelos meus orientadores a quem muito fico a dever.

A Escola Adventista do 7º Dia que me ofereceu possibilidade de matricular e continuar os meus estudos no Centro de Ensino a Distância na UCM, curso Esmabama.

A Lúcia minha esposa cuja, ajuda e cooperação foram decisivas.

SIGLAS E ABREVIATURAS

ANC – African National Congress. Partido dirigente da luta de libertação da África do Sul.

ANP – Arquivo Nacional de Portugal.

CA – Conselho de Acção.

CE – Comité Executivo.

CMLA – Conferencia dos Movimentos de Libertação de Africa.

COREMO – Comité Revolucionário Moçambicano, nome que sucedeu ao Moreco.

DGS – Direcção Geral de Segurança, nome atribuído a PIDE, Policia Política quando Marcelo Caetano substituiu os nomes de varios organismos odiosos.

EREPOMO – Exercito Revolucionario do Povo de Moçambique.

FPLM – Forças Populares de Libertação de Moçambique, mais tarde denominada FADM.

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique.

FUNIPAMO – Frente Unida Anti Imperialista Africano de Moçambique, nome inicial da Moreco.

KGB – Comité de Segurança Estatal, organismo encarregue de serviços de inteligencia contra-inteligencia do Estado Sovietico.

MAA – Maconde African Association.

MANC – Mozambique African National Congress.

MANU – Inicialmente Maconde African National Union, depois Mozambique African National Union.

MNR – Mozambique National Resistance mais tarde RENAMO.

MORECO – Mozambique Revolutionary Committee, nome originario da COREMO.

ONU – Organização das Nações Unidas, hoje Nações Unidas.

OUA – Organização da Unidade Africana, hoje União Africana.

PAPUMO – Partido Popular de Moçambique.

PCN – Partido de Coligação Nacional, resultado da fusão do Partido FUMO e GUMO.

PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado, Polícia Política do Facismo Português que sucedeu a PVDE e que tornou DGS.

RENAMO – Resistência Nacional Moçambicana.

TANU – Tanganhica National Union, depois CCM.

UDENAMO – União Democrática de Moçambique.

UNAR – União Nacional Africana da Rombezia.

UNEMO – União Nacional dos Estudantes Moçambicanos.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado em Ciência Política, enquadra-se na área relacionada com a história política de Moçambique.

O objectivo central do trabalho é descrever a violência política em moçambique, de 1966 a 1988, tomando como caso particular, o desaparecimento físico do Padre Mateus Pinho Gwengere.

Sendo que ele foi uma pessoa muito importante na luta de libertação nacional e posterior independência do país, tornou-se igualmente importante saber quais foram as causas que levaram a morte deste cidadão, que para além de ser considerado herói, foi declarado reaccionário e inimigo do regime que governava Moçambique.

O trabalho, que se baseou num estudo profundo, desde das raízes de onde o Padre nasceu e cresceu, através a múltiplas entrevistas a pessoas que testemunharam a vida do Padre que tem algumas informações sobre as eventuais circunstâncias e causas da sua morte, trouxe resultados importantes para a história política do país.

A dissertação tem quatro (4) capítulos, iniciando pela introdução (i), passando pela descrição do começo do ódio contra o padre Guengere (ii), entrando-se num estudo sobre os Estados Moçambicanos (iii), terminando mesmo pelos campos de reeducação (iv).

A presente tese chega a conclusão de que a teoria da unidade nacional ainda é pouco notória em Moçambique e que o desaparecimento do Padre Guengere é uma consequência directa desta falta de unidade. O regionalismo e o tribalismo ainda são fragilidades que enfermam o crescimento sócio-político do país.

CAPITULO I

Introdução

O presente trabalho pretende investigar a violência política praticada pela FRELIMO em Moçambique no período de 1966 até 1988, e em particular pretende investigar no contexto da violência exercida a morte do Padre Gwenjere. Desconhece-se a causa e a data da morte do Padre Gwenjere mas sempre existiu a suspeita popular de que a sua morte resultou de uma execução política.

A escolha do período de estudo inclui a fase anterior à independência e o período pós-independência no regime monopartidário liderado pela FRELIMO. A situação de violência política, parece se ter agudizado com a morte do primeiro presidente da Frelimo em 1969, Eduardo Mondlane, o qual foi substituído por Samora Machel.

Samora acumulou as funções de homem das armas e líder político. Samora perecerá num acidente de aviação nas terras de Mbuzzine na vizinha África do Sul em 19 de Outubro de 1986, foi nomeado pela Frelimo, Joaquim Alberto Chissano para o cargo de Presidente da então Republica Popular de Moçambique.

No período em estudo, pelo menos 84 pessoas (ver anexo 1) foram executadas pela FRELIMO, alegadamente por razões políticas. Pouco se conhece destes processos, e muitos casos ainda carecem de reconhecimento pela FRELIMO (ou o Estado, caso se trate do período pós-independência). Recentemente um dos casos que teve a atenção da imprensa escrita foi o caso da Joana Francisco Fonseca Simeão, pelo alegado viúvo não poder voltar a casar passados 28 anos, uma vez que não existe a certidão de óbito, apesar da sua morte ter sido confirmada por altos dirigentes da FRELIMO¹

A violência política é implícita ou explicitamente ligada a crueldade, prisões arbitrárias raptos, torturas, julgamentos sem acusação formulada, assassinatos e até aos inocentes e indefesos perpetrado pelos dirigentes e ou governantes, usando a força militar, policial e outras forças, com objectivo de alcançar e ou permanecer no poder. (Genro, 1984 .pag 1).

Violência política, pode ser definida como acção violenta ou tirania dos governantes

¹ Cfr. Anexo 2.

contra a nação ou aos seus “súbditos” privando -lhes de liberdade de expressão e de escolha.²

Também pode se considerar como violência política o seguinte comportamento dos governantes:

- A proibição de formação de partidos políticos e repreensão á oposição;
- O desrespeito a liberdade de expressão, de imprensa, bem como o direito de reunião em associação;
- Desrespeito a igualdade dos direitos dos cidadãos perante a Declaração dos Direito universais do Homem: a liberdade de escolha e direito ao voto;
- Centralização dos poderes típicos dos regimes autoritários.³

A FRELIMO representa a Frente de Libertação de Moçambique, fundada em junho de 1962, pela união de três movimentos, nomeadamente, UDENAMO, (União Democrática de Moçambique), fundada por naturais do centro de Moçambique (maioritariamente das províncias de Manica e Sofala e com pelo menos uma dúzia das pessoas originárias do sul do país), que devido às perseguições da PIDE – DGS “(Polícia colonial)” fundaram o seu escritório em 1960, na antiga Rodésia do Sul, atual Zimbabwe, precisamente na cidade de Bulawayo, liderado por um jovem, natural da província de Inhambane que se localiza a sul de Moçambique, Adelino Chitifo Gwambe e tinha o seu Secretário Geral o Reverendo Pastor Urias Timóteo Simango , natural na província central de Sofala pai do atual presidente do município da Beira, Daviz Mbepo Simango. UNAMI, (União Nacional de Moçambique Independente), movimento fundado pelos originários da região central das duas margens do grande Zambeze (moradores de norte de Sofala e sul da província de Tete) liderado pelos Evaristo Gadaga e Baltazar Changonga, tentaram criar o primeiro escritório na vila carbonífera de Moatize, depois na cidade de Tete, mas devido a PIDE-DGS instalaram o seu escritório em Nyasalandy, atual Malawi , e por fim a MANU, (Makonde African National Union, depois Mozambique African National Union), outro movimento fundado pelos descendentes da região nortenha de Moçambique principalmente pela

² Cfr. AA. VV, *Dicionario Basico Lingua Portuguesa*, Porto Editora, Plural Editores, 2008, pag. 505.

³ Cfr. Micas, BAULANE - Augusta ASSUMANE, *História das Instituições Políticas IV*. Manual do Curso de Licenciatura em Ensino de História (Manuscrito), Paulo, Gráfica São CED, UCM, 2010, 124.

etnia Maconde radicados na sua maioria na Tanzania e Kenia dirigido pelo Mateus Mmole (Viera, 2010,pag 195) . Alguns dos fundadores ou dirigentes dos movimentos que fundaram a Frelimo, foram mortos, e não beneficiaram da independência proclamada em 25 de Junho de 1975. De referir que estas organizações situavam-se entre grupos específicos de Moçambique. Destes movimentos, somente o MANU tentou atuar dentro de Moçambique e foi uma multidão de apoiantes sua que se reuniu para representar uma petição ao administrador local em Mueda, em junho de 1960. O administrador colonial recebeu os manifestantes chamando as tropas, os confrontos resultaram em 500 mortos, milhares de feridos e muitos outros foram presos.⁴

Este é o contexto político da vida do Padre Guenjere.

⁴ Cfr. Malyn NEWITT, História de Moçambique, Publicação Europa América, Portugal, 1997, pag. 450

1.1. Objetivos

O presente trabalho pretende investigar se a violência política que teve lugar em Moçambique de 1966 á 1988 teve causas de cariz étnico ou religioso.

Pela dificuldade no acesso e documentação oficial e pelo elevado número de casos, esta dissertação vai incidir no caso de estudo da morte do Padre Mateus Pinho Gwenjere (morto provavelmente entre os anos 1977-1980, em Ntelela, distrito de Majune, província de Niassa. Em Moçambique, ou na fronteira com Tanzânia.

1.2. Metodologia

Este trabalho é delicado em virtude de ainda não existirem estudos sobres este tema, com exceção do livro publicado por Bernabé Lucas Nkomo, intitulado “Uria Simango, um homem uma causa”, que relata a trajetória sinuosa do reverendo Uria Timoteo Simango, o vice - presidente da Frelimo eleito no 1º Congresso realizado em 1962, (ano da fundação da Frelimo). Presume-se que a vice-presidência de Uria Simango tenha sido exercida até finais de 1969 ou princípio de 1970, período em que os conflitos de sucessão atingiram o apogeu, forçando-o, a abandonar Tanzânia, com toda a sua família, pedindo exílio político no Egipto.

Pela ausência de bibliografia e documentos oficiais optou-se por privilegiar como método de investigação entrevistas. Foram entrevistados testemunhas dos últimos anos de vida do Padre, assim como uma lista de familiares do Padre.

Urge elaborar este trabalho por ser possível realizar este trabalho de campo, visto algumas das testemunhas ainda estarem vivas.

As fontes predominantes, para o projeto serão orais e escritas. As fontes escritas não são em abundância. Muitos dos entrevistados receiam represálias e, por isso, alguns nomes serão omissos, por questões de segurança.

As entrevistas serão realizadas nas línguas locais (Sena, Ndau) e em Português, línguas dominadas pelo investigador.

Quanto aos entrevistados podemos mencionar alguns dos antigos combates, como os que se seguem:

Jaime Khamba- um dos fundadores da UDENAMO, (União Democrática Nacional de Moçambique) em 1960 e da Frelimo em 1962, natural da província central de Sofala, distrito de Caia, mesma terra do Padre Mateus Pinho Gwenjere. Por motivos políticos, atualmente exilado e residente nos EUA, desde 1969, onde foi professor universitário e já aposentado das suas funções de docência.

Vasco Alfazema Momboa, antigo estudante em Portugal, onde frequentava o curso de arquitectura, natural da província central de Tete no distrito de Mutarara. Foi considerado traidor, e ficou quase cinco anos na cadeia de Machava sem formalização, antigo combatente da Frelimo.

Majambe - Antigo combatente, que se juntou a Frelimo na segunda metade da década de 60. Devido os conflitos e perseguição do centro e norte no interior da Frelimo, com características étnicas de âmbito regional exilou-se em Quénia, e só voltou com as liberdades promulgadas pelo ex-presidente e sucessor de Samora Moisés Machel, Joaquim Alberto Chissano, como resultado do fim da guerra civil, liderada pela Renamo (Resistência Nacional de Moçambique) movimento armado, fundado pelo antigo guerreiro e comandante da Frelimo André Matade Matsangaissa, que se filiou a Frelimo e recebido na Tanzânia em 1970, conforme depoimento do seu irmão mais velho, Garife Matsangaissa que foi deputado pela bancada da Renamo, na primeira legislatura, natural da província central de Manica. André Matade Matsgangaissa que, em 1976, ficou preso no centro de reeducação frelimista de Sacuse no actual distrito de Gorongosa, foi o promotor da guerra civil que durou aproximadamente 16 anos e teve consequências desastrosas, provocando mais de 4 milhões de refugiados e 1 milhão de mortos, com inúmeras destruições. Essa guerra só veio a terminar em 4 de outubro de 1992 pelos acordos de Roma.

Manuel Fernandes Pereira, antigo prisioneiro de Ntelela, Niassa, que chegou em 1981, delegado da Renamo na província de Sofala, de 1992 até 2004, e deputado da Assembleia da Republica nas três legislaturas em Moçambique.

Também foram usados contactos telefónicos e correspondência via internet, com os seguintes antigos combatentes radicados na diáspora, alguns deles desde de 1969, nomeadamente:

Joaquim Moisés Nota - antigo combatente, radicado no Canadá.

João Alfazema - antigo combatente, hoje radicado em Canadá, com sua esposa e filho, com projectos educacionais na sua terra de origem, na província central de Sofala, no distrito de Caia, sua terra natal.

Daniel Coloma – Antigo combatente, natural da província central da Zambézia, distrito de Mopeia, médico radicado nos EUA, na Pensilvania.

Sr. Dina, Conterraneo do Padre, homem influente na Missao São Benedito-Manga, que anualmente tem organizados outros fiéis, naturais de Murraça, terra natal do padre M.P. Gwenjere para celebrar a missa em sua memória.

Prof. Cipriano Parafino, estudante do Padre na Missao de Murraça nos meados da década 60 na Missao de Murraça , que foi primeiro director da Escola primária 3 de Fevereiro, passando a desempenhar as mesmas funções nas escolas Antiga Emissora, na Manga, 11 de Novembro e actualmente encontra-se aposentado.

Benjamim Gwenjere, sobrinho do Padre Mateus Pinho Gwenjere, que ocupa neste momento o cargo de chefe tradicional “Saphanda”, que controla uma população de mais ou menos 250 casas, em Murraça.

Os entrevistados acima referenciados, viveram e até os problemas na Frelimo e alguns até passaram pelas cadeias e nos centros frelimistas, as chamadas pelos centros ou campos de reeducação.

Nhakwa Nharugwe- Amigo da infancia do Padre Mateus Pinho Gwenjere, hoje chefe tradicional da regio de Nharugwe, terra natal do Padre.

Nkuladzina- Antigo antigo combatente, após o reacender do conflito no interior da Frelimo, refugiou-se no Quénia.

1.3. O Padre Mateus Pinho Guengere

O nome atribuído ao Padre Mateus Pinho Gwengere após o seu nascimento é *Kamphawy*, que, em Sena, uma das línguas moçambicanas, significa “pequeno órfão”. Antigamente, o povo Sena atribuía nomes originais, com certo significado. E, como era costume, por ocasião do registo de nascimento e baptismo católico, as pessoas deviam receber o chamado nome cristão, *Kamphawy*, foi registado e baptizado, em 1945, na igreja católica de Chupanga, no actual distrito de Marromeu, na província central de Sofala, pelo nome de Mateus Pinho Gwengere.

Padre Mateus Pinho Guengere nasceu em 19 de Novembro de 1933, na pacata localidade de Murraça, no actual distrito de Caia, em Sofala.

Pertencente a etnia Sena, filho de Pinho Ventura Gwengere (que significa deitado sem posição ou sem interesse) e da Senhora Mazalale Saica, o Senhor Pinho Ventura Gwengere tem os seus ancestrais no Estado Marave, que primeiramente se fixaram na actual província de Tete, entre os Rios Luía e Kapoche.

Fez o ensino primário na sua terra natal, (Murraça), ensino secundário na actual cidade de Tete, estudante brilhante no seminário menor de Zobue em Tete e posteriormente no Seminário Maior em Namaacha na província sulista de Maputo.

Foi ordenado Padre em 15 de Agosto de 1965, pelo venerado Bispo da Beira Dom Sebastião de Rezende na Paroquia de Macuti, na cidade portuária da Beira.

Foi o primeiro Pároco de origem africana na Missão de Murraça que lhe viu nascer.

Influenciado pelo padre argentino Charles Pollet , que também defendeu a liberdade da sua gente, e devido as injustiças do chefe de posto de Caia, na madrugada de Abril de 1967 enquanto chovia, abandona a Missão de Murraça com objetivo de ir juntar-se a Frelimo, que já mantinha contacto na clandestinidade. E chega à Tanzânia dois meses depois, isto é, em Junho do mesmo ano, onde foi muito bem recebido. Lá desempenhou as funções de professor na escola da FRELIMO (Instituto Moçambicano na Tanzânia) e apresentou um excelente relatório na sede da Nações Unidas em Outubro do mesmo ano.

E suspeita-se que terá sido morto entre 1977 a 1980.⁵

1.4. O Caso do Padre Mateus Pinho Gwengere

Em Moçambique existe uma geração que marca, de forma permanente, a História do país. Essa geração heróica, nascida da luta de Libertação Nacional, tem uma história particular. É uma geração que conduziu Moçambique à independência, e reveste-se de características ímpares e marcantes, pois numa época conturbada, e em condições extremamente perigosas e complexas, conseguiu organizar-se para enfrentar o colonialismo português. Essa geração constitui-se num herói colectivo, tendo dado um contributo precioso pela libertação da pátria moçambicana. No seio dessa geração encontram-se heróis individuais. Estes tiveram um papel extraordinário, quer na mobilização e organização das populações, quer através do seu cometimento e bravuras pessoais.

Estes heróis são figuras emblemáticas, pois os seus feitos traduzem-se em lições e ensinamentos que iluminam e inspiram as gerações vindouras. Deste modo, afigura-se importante a preservação e a valorização do seu legado histórico.

O presente trabalho tem como objectivo divulgar a história da vida, obra e feitos de uma vítima de violência política, que em algumas passagens no interior destas páginas é considerado de “Moisés Moçambicano”, o Padre “Kamphawi”, Mateus Pinho Gwengere,

⁵ Estas informações foram obtidas através de entrevistas com Benjamim Gwengere, sobrinho do padre M.P. Gwengere que actualmente ocupa o cargo do chefe tradicional “Saphanda Gwengere” como consequência da petição da população local, Joaquim Alfazema, antigo combatente que se refugiou para Quênia e posteriormente em Canadá onde reside com a sua família, mas periodicamente tem vindo a sena, terra natal e foi lá que o autor deste, o entrevistou, José Mariano, conterrâneo do padre Gwengere C. Botao estudante do padre na Missão de Murraça e também através da revista AfricaNow, July, pp. 54. 19

morto à semelhança de execuções nos tempos de Lenine ou de Estaline; alguns dos seus executores das ordens estão vivos e sem nunca terem sido julgados.

Lamentavelmente, a maioria dos moçambicanos desconhece a verdadeira história destas vítimas e nem os seus familiares legítimos sabem onde estão os restos mortais dos seus *irmãos*. Como Pe. Guenjere, muitos outros foram assassinados pela Frelimo, em nome da liberdade, da união e do nacionalismo moçambicano.

Infelizmente, após a independência, muitos dos compatriotas dos heróis foram renegados e/ou colocados em último plano. E, tristemente, alguns foram enviados para os denominados “Campos de Reeducação” campos utilizados para punição e ‘educacao dos valores solcialistas’. Como é o caso do Padre Mateus Pinho Gwenjere, oriundo da etnia Sena, natural de Murraça, distrito de Caia, na província de Sofala.

Escrever a sobre o Padre Mateus Pinho Gwenjere é um trabalho muito difícil. A história do Padre Gwenjere está muito ligada à liberdade do seu povo, à igualdade de direito e de oportunidade, em suma, à luta de libertação de Moçambique, nosso Moçambique, país do continente africano, localizado na costa oriental, a sul do equador, na região da África Austral, limitado ao norte pela Tanzânia, ao noroeste e oeste pelo Malawi e a Zâmbia, ao oeste pelo Zimbabwe e a Swazilândia, ao sudoeste pela África do Sul e ao leste pelo Oceano Índico. Um país que hoje, em (2011) 2014, tem aproximadamente 23 milhões de habitantes.

Embora a “história oficial” nega o papel libertador e o nacionalismo do padre Mateus Pinho Gwenjere no processo de luta de libertação, a verdade é que ele dedicou a sua vida à causa da liberdade do povo moçambicano, e que é impossível excluí-lo dos contornos da luta por essa causa justa.

O presente trabalho é um ponto de reflexão para os que estão preocupados em conhecer a escuridão criada na nossa história , com tendências de vantagem “dos governantes”, e mostrar as verdades desprezadas por conveniências políticas.

Trata-se também duma personagem que se preocupou pela emancipação política, económica e social dos moçambicanos, sem discriminação racial, tribal, religiosa ou étnica.

Esta trabalho, surge em resposta a memória dos que foram silenciados por um processo revolucionário, provocado por aqueles que se consideram como “donos da verdade”.

Pretende-se aqui mostrar o caminho difícil e espinhoso de um Padre Diocesano da etnia Sena (uma das línguas mais faladas em Moçambique), que conseguiu mobilizar muitos da sua época para as fileiras da FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique.

Este homem era filho de um *Saphanda* - chefe tradicional da localidade de Murraça, onde hoje se encontra o *Saphanda* Gwenjere, sobrinho legítimo do Padre Gwenjere, embora o seu reconhecimento como chefe, já após o acordo geral de paz, em 1992, tenha sido contestado pela FRELIMO. Mas o régulo Nharugwe não cedeu, e mostrou que, sem a família Gwenjere no poder, a região seria quase ingovernável; mesmo a população da sua jurisdição confirma a posição do régulo.

O presente trabalho é sobre o Padre Gwenjere, mas muitos outros suspeita-se que sucumbiram vítimas de violência política, como Lhomulo Chitifo Gwambe, Paulo Gumane, Julio Razão Nilia, Lázaro Kavandame, Pastor Timóteo Uria Simango, Filipe Samuel Magaia, Casal Ribeiro, Francisco Manyanga, Alberto Mutumula, António Silva, António Mpindula, António Jehova, Alberto Sande, Luis Arrancatudo, José Alves, Alexandre Magno, Alves Couviua, Luis Njanji, Armando Malata, António Machado, António Mazuze, Frackson Banda, Manuel Mumba, Lino Ibrahim, José Mandindi José Rivas, Dr Kambeue, Basílio Banda, José Nicodemos, Felix Mendes, António Ferrão, Francisco Kufa, Augusto Nababele, Sara Tomás, Silvério Nungo, Joaquim Matias, Fernando Napulula, Raimundo Dalepa, Dunia Nkunda, Carlos Nunes, António Fabião, António Quembo, Francisco Mutamanga, Damião Piri, Pedro Mondlane e Celina Simango. A grande maioria dos que constam nesta lista de martirizados são pessoas oriundas das regiões Norte e do Centro de Moçambique. Frisar que Moçambique tem três regiões limitadas por igual número dos grandes rios.

A sua história culminou com a entrega das suas próprias vidas como mártires, e os seus familiares, até hoje, clamam pela verdade.

1.5. Breve biografia do padre Mateus Pinho Gwenjere

Todos os nomes originais do povo sena têm um significado. O nome que foi atribuído logo após ao seu nascimento, e também assim foi conhecido, àquele que veio a ser registado pelo nome de MATEUS PINHO GWENJERE é *KAMPHAWI*, que significa pequeno órfão.

Pertencente a etnia Sena, *Kamphawi* é filho de Pinho Ventura GWENJERE, (Gwenjere significa deitado, sem posição ou sem interesse) e da Senhora Mazalale Sayika. O Senhor Pinho Ventura Gwenjere tem os seus ancestrais no Estado Marave, que primeiramente se fixaram na actual província de Tete, entre os rios Luia e Kapoche. O conflito no seio da linhagem dominante culminou com a formação de quatro Estados satélites dos Caronga: Undi, Biwi, Lundo e Kapwiti, provenientes do Estado de Biwi da tribo Malunga, originários da actual cidade de Tete. A mãe, Senhora Mazalale Sayika, deve ser originária do Estado de Barwe dos Makombe, que por algum tempo emigraram com os seus povos para a região do vale do Zambeze, devido a estiagem que abalou o Estado de Barwe, e fixaram-se no actual distrito de Caia. Barwe foi o último Estado moçambicano a resistir contra a dominação estrangeira portuguesa, e fora derrotado pelo governo Português em 1917, no auge da primeira grande guerra mundial centrada na Europa.

O cruzamento destas duas personalidades de génese guerreira, Pinho Gwengere e Mazalale Sayika, todos de origem bantu, das ramificações do império de Mwenemutapa, culminaram com o surgimento de um grande herói, o Kamphawi.

No dia 18 de Novembro de 1933, na sua machamba, a Senhora Mazalale, começa a sentir as primeiras dores. O chefe Pinho estava a acompanhar o chefe do posto, no registo das populações da região, sob a sua jurisdição e das zonas circunvizinhas, quando a Dona Mazalale, na sua machamba próxima da casa, iniciava os trabalhos do parto.

Na madrugada do dia 19 de Novembro de 1933, enquanto chovia, a senhora Mazalale, acompanhada do Paulino, seu primogénito, na altura com apenas três aninhos, portanto sozinha como mulher na sua casa de palha, maticada com argila, e na ausência do marido atarefado nos trabalhos da administração colonial portuguesa, estava a dar luz a um varão. Era o Kamphawi que estava a sair do ventre da sua mãe, para ver a luz do dia: o segundo dos sete filhos que o casal havia de criar.

Quando já terminaram os chuviscos, as outras mulheres que se aperceberam do sucedido deram assistência à dona Mazalale, mas com receio e medo do português que o seu marido acompanhava, e tentaram, sem sucesso, convidar-lhe a casa para informar-lhe da boa nova do nascimento do varão Kamphawi.

A própria mãe, que era um verdadeiramente heroína e meiga, senhora muito esmoleira, e por isso apreciada por muitas mulheres do seu tempo, teve que deixar a criança sob os cuidados de Paulino, o primogénito da família, e foi ao encontro do marido, para dar a conhecer a boa nova. Informado da ocorrência, o pai deu-lhe o nome de Kamphawi, “Pequeno órfão”, porque foi nascido na sua ausência.

Passado algum tempo, os pais levaram o filho para registar na região de Magagade, no Saphanda Gwenjere, ocorreu o nascimento de Kamphawi, filho do chefe.

O Registador questionou sobre o significado do nome, e explicaram-lhe que a criança tinha nascido na ausência do pai, e a própria mãe foi a parteira. O português riu-se e mudou de imediato o nome de Kamphawi para Mateus, passando a ser chamado oficialmente pelo nome de Mateus Pinho Gwenjere. Entretanto, seus pais e contemporâneos continuavam a chamá-lo por Kamphawi⁶.

1.6. A infância

Mateus Pinho Gwenjere, passou a sua infância simples e sereno, atento e dedicado as lides da terra de que viviam os seus pais, cuidadoso e paciente na faina do moinho, tímido e entregue ao estudo. Ficou conservado na memória da população um episódio emblemático da sua personalidade. O pai prometeu-lhe passar o cargo de Saphanda se ajudasse a controlar os que fugiam pagar o imposto. Ele próprio convenceu-se de que não seria capaz trair os seus contemporâneos e conterrâneos, servindo e trabalhando para o governo colonial português.

1.7. Convívio familiar

Kamphawi foi crescendo como qualquer outra criança da sua idade, e da sua comunidade, começando mesmo por mamar, gatinhar e a dar os seus primeiros passos para a vida independente. Ainda criança, os primeiros passos eram acompanhados e ajudados pelo seu irmão mais velho - o Paulino. Para além do Paulino, Kamphawi teve

⁶ Informacao das entrevistas

outros cinco irmãos, nomeadamente, Miguel, Ventura, Anica, Malanda, e Kisito. Destes somente dois estão em vida, e o ultimo estando neste momento a laborar numa das direcções provincial na província de Tete.

Kamphawi, sempre prestou um enorme respeito aos seus pais e ao seu irmão mais velho – o Paulino, já falecido. Mas também prestou uma maior atenção aos mais velhos e aos mais novos da comunidade, aos seus familiares, colegas de brincadeiras e a todos que faziam parte da sua comunidade.

Sempre, foi grande amigo das crianças. Mesmo em Tanzânia, quase que era o único que não passava uma semana sem visitar o orfanato. Era grande amigo das crianças, seguindo o exemplo do seu mestre – o hebreu Jesus Cristo. Pode-se afirmar que o próprio defunto Samora Moisés Machel herdou do padre o gosto pelas crianças.

Gwenjere assistia de perto, desde a sua meninice, o desprezo que os seus contemporâneos eram submetidos, em todas as esferas da sociedade.

O recrutamento para trabalhos forçados nas machambas de fomento de algodão, de açúcar e de outras produções agrícolas empresariais e de âmbito exploratório, agudizaram no jovem Kamphawi o ódio enorme contra a opressão do colonizador, e criando um amor grandíssimo aos seus compatriotas.

O Padre Mateus Pinho Gwenjere é pertencente ao povo Sena que, por natureza, é religioso, embora se considere tradicional, mas sem muita diferença na forma de adoração do seu Deus (Mulungu).

Quando alguém morrer, a tradição diz que tem que matar uma galinha e cumprir muitas cerimónias, senão outra pessoa vai morrer. Os crentes estão livres destas leis – defendia o Padre Gwenjere. Ninguém vai morrer se as cerimónias na altura de morte não se cumprem, porque Jesus protege uma cerimónia em que o irmão mais velho torna-se o novo pai da família. Os crentes já não praticam isto, mas mantém grande respeito para o irmão mais velho. A semelhança dos hebreus o povo sena é paterlinear.

Pertencente ao povo Sena, do *Ntupo* (totem) de *Biwi*, Gwenjere é de *Dzindza* (tribo) de

Malunga,⁷

Kamphawi fez o ensino primário em Murraça, junto com os seus, no actual distrito de Caia, a norte da província de Sofala. Fez os estudos secundários na missão de Zóbwe na província central de Tete. Na mesma missão concluiu o Seminário Menor.

Completo o Seminário Maior em Namaacha, na província do Maputo.

Mateus Pinho Gwenjere foi um dos primeiros Padres moçambicanos a ser ordenado na Arquidiocese da Beira, pelo carismático Bispo da Beira Dom Sebastião de Resende na igreja de Macúti, situada a beira-mar, em 15 de Agosto de 1964, juntamente com o Padre Manuel Sabudu Mucauro.

1.8. Padre Mateus Pinho Gwenjere com as crianças da sua terra

A infância do padre Mateus Gwenjere, como já o dissemos acima, não difere tanto com qualquer criança do seu tempo e da sua terra natal. Kamphawi de Murraça, brincava, pescava, ajudava os pais na machamba, e outros afazeres da época que ocupavam o tempo mas, o ensino, quase que não fazia parte das outras crianças, suas contemporâneas. Aqui está a grande diferença da vida do Kamphawi com outras crianças: ele, muito empenhado aos estudos, ao passo que as outras não.

Em seu redor, ou nas suas andanças de evangelização, era rodeado de crianças que, atentamente, mostravam muito interesse. Mesmo na missão, tantas crianças o consideravam como um ídolo, devido o seu excessivo amor e fraternidade.

Foi a partir desse episódio que, o primeiro Bispo da Beira, Dom Sebastião de Resende, guiado pelo Espírito Santo, enviou o Padre Mateus Pinho Gwenjere, caso excepcional, de um Homem de origem africano, para ser padre. E lá em Murraça, terra do padre, era considerado de “*Nzungo*”, que traduzido, significa “europeu ou branco”. Ele mostrava aos seus que, estudando, podiam, no futuro breve, serem como ele.

1.9. O caso do Administrador de Caia

Padre Kamphawi - Mateus Pinho Gwenjere, o “Moisés” Moçambicano

⁷ Tradicao da lingua Sena existem por volta de 40 madzindza e aproximadamente 38 mitupos.

Depois de consagrado como Padre Diocesano, pelo 1º Bispo da Beira Dom Sebastião de Resende na Igreja Católica de Macúti, sita na cidade da Beira, na zona de Estoril, aproximadamente a cem metros das águas salgadas do Oceano Índico, em 1964 Mateus Pinho Gwenjere é enviado à sua terra natal, Murraça, pois o Bispo tinha objectivos bem definidos de ajudar o africano a se libertar do jugo colónial. O jovem padre trabalha ao lado do carismático padre Pollet, em Murraça, para aí ser o pároco, e mostrar aos outros jovens africanos que Deus nos fez de igual, e é uma única criação transcrita no livro sagrado dos hebreus - o Génesis (Génesis 1 e 2) . E o africano também pode ser padre e actuar em tudo o que um padre europeu pode fazer.⁷

Esta foi a tática usada pelo Bispo português, simpatizante do nacionalismo moçambicano, e justiceiro para a libertação do homem moçambicano, pelo menos na área da sua jurisdição eclesiástica.

Desta forma o jovem padre, com a sua Bíblia na mão, Catecismo na pasta e terço no pescoço, primeiramente deslocava-se de bicicleta, e mais tarde de motorizada, de marca *Frollet*, para mobilizar os seus contemporâneos e patriotas. A palavra de ordem era “abram os olhos por favor!” Os seus discursos contra a exploração portuguesa expandiram-se com muita velocidade, tendo em consideração o estatuto que ele gozava, filho de um chefe tradicional, e o primeiro padre originário de Murraça.

Um dia, no seu quotidiano de evangelização, foi à casa dos pais e encontrou mais de cinquenta pessoas presas por falta de pagamento de impostos de palhota. Tendo questionado ao pai as causas da presença daquela multidão, o padre não gostou da resposta. Em seguida pediu ao pai para que libertasse os presos e ele próprio responsabilizou em pagar o imposto para todos. E isto aconteceu, antecedido por um encontro com os presos e, posteriormente, foram livrados para as suas casas. E explicou as causas que o motivou a libertá-los. Assim estava a marcar uma nova página da história de libertação do seu povo, partindo da própria casa onde ele nasceu, tentando mostrar ao seu próprio pai, que era chefe tradicional ao serviço do governo colonial, para não perpetuar a explorar pois “éramos todos seus irmãos.”

Assim, devido a sua propaganda de libertação, o chefe do posto ou o administrador de Caia chamou o Saphanda Gwenjere (pai do padre) e deu-lhe vinte palmatórias e, por conseguinte, chegou à missão com mãos inchadas, mostrou ao Padre, e lhe acusou que

estava a sofrer por sua causa. Face a esta situação, o jovem padre deslocou-se juntamente com o pai até a administração de Caia, e lá pediu para falar com o administrador, e informou-o de não ter gostado do sucedido com o seu pai, mostrando abertamente uma instabilidade política entre o Padre, apoiado pela maioria da população, contra a administração, exploradora e colonizadora portuguesa da época, apoiada pela minoria - os seus sequazes: os régulos, os *cipaios*, os *saphandas* e até os *nfumos*.

Feito isto, o padre já havia iniciado o envio de muitos jovens da sua época para a Tanzania, que era a retaguarda segura da Frelimo, movimento que ele tanto contribuiu para filiar mais membros na luta contra a dominação fascista portuguesa.

A partir daqui, o Padre começa a enfrentar dois perigos:

Do governo português, que considerava na altura que o civilizou, estava contra a sua presença na zona, pois "envenenava" os seus compatriotas,

E era acusado de mobilizar pessoas para as fileiras dos TURRAS, assim eram chamados os da Frelimo.

Com a ajuda do padre Pollet, e de outros da congregação dos padres Brancos, criaram condições para ele ir se juntar a Frelimo, na vizinha Tanzania, país que ficou independente do jugo colonial inglês, em 1961, na altura dirigido por Julius Nyerere.

1.10. O Recrutamento dos Jovens em Murraça, Mutarara, Tete e Mopeia

Padre Mateus Pinho Gwenjere, com o seu slogan "*fungulani maso*" em português significa 'abram os olhos', com a sua batina, andou em muitos distritos e localidades, primeiramente pelos distritos banhados pelo rio Zambeze e, posteriormente, por terras longínquas, pregando a mensagem de Deus, a salvação e a libertação pela fé, por meio de Jesus Cristo, mas também explicava a "imperiosidade" dos homens se unirem para se libertarem do jugo colonial português.

Porque o padre era considerado carismático, muitos jovens lhe questionavam o que era necessário para alcançar esta libertação. A resposta do padre era: " Venham à missão de Murraça."

Os que escutavam os conselhos, muitos deles eram jovens, incluindo os de Murraça,

Mutarara, Tete, Mopeia e Zambézia, iam ao encontro do sacerdote. E era a partir de Murraça onde recebiam instruções para Tanzânia, passando por Malawi, onde se juntavam a Frelimo, para combater o colonialismo português. Assim, muitos eram recrutados pelo padre. Em alguns casos, numa família saíam mais de dois ou três membros para se juntarem à Frelimo.⁹

No seu quarto, mesmo na missão de Murraça, todos os dias pelas 13.00h, e pelas 19.00 horas, juntamente com alguns dos seus estudantes, escutavam clandestinamente a Voz da Frelimo, cujo locutor era o falecido Rafael Maguni, que era uma espécie de Educação Política para os moçambicanos aderirem à revolução e à luta armada contra a dominação colonial estrangeira.

1.11. No Julgamento, no Tribunal da Beira

Era início de mais um dia, numa manhã de Junho de 1966, o padre no seu processo de evangelização, acompanhado e rodeado de multidão, nomeadamente, homens, mulheres e crianças, que prestavam muita atenção nas suas palavras e seus ensinamentos.

A sua palavra de ordem era “*Fungulani Maso*” ou simplesmente abram os olhos. Com a multidão que lhe acompanhava, com a sua batina branca, de sandálias e de óculos brancos, era grande admiração, para o povo da sua zona, pois foi o primeiro padre negro - africano daquela região, e a maior encarnação, em virtude de ser originário daquele distrito de Caia. Na sua “marcha messiânica” passou pela estação de Caia, onde muita gente estava a despachar as suas mercadorias (cabritos, milho, mapira, mexoeira) e outras bagagens para se deslocarem à Beira, com objectivo de irem visitar os seus familiares, procurar emprego ou mesmo fazer pequenos negócios nomeadamente de milho, cabritos mapira e mexoeira.

Foi aqui mais um episódio marcante do padre. Um dos passageiros de origem africana vulgarmente conhecido por “negro”, fica aflito e urina no urinário destinado ao europeu “branco”¹⁰.

Logo após a sua satisfação biológica (urinar), estava no portão, um português e lhe questionou: “Porque foste sujar nesta casa de banho, não sabes que vocês pretos devem

urinar lá fora no capim?”

O homem, trémulo, não teve resposta. A única coisa que restava era de pedir que fosse perdoado, em virtude de ter usado a casa - de - banho destinada às pessoas de origem europeia.

O chefe da estação não aceitou o pedido, tendo obrigado o homem a lambem a sua própria urina e, posteriormente, chamou o cipaio que era guarda em serviço e torturou-lhe fortemente. O padre encontra o homem a ser batido e a sangrar nas narinas e nos ouvidos, e ele questiona as causas dessa desumana tortura. Foi ter com o *cipaio torturador*. A resposta não tardou, “ porque foi sujar a casa de banho do branco”. Mateus teve que reagir contra o chefe da estação que ordenou a tamanha tortura. Dessa reacção prenderam-no até a administração de Caia. Daí foi transportado e acompanhado com o mesmo *cipaio* para o tribunal da cidade da Beira, pois, por ser padre, não podia ser julgado na circunscrição, tendo em consideração *concordata* o acordo celebrado em 1940, entre a Igreja Católica Romana e o Governo português.

O Bispo português, Dom Sebastião de Resende, prontificou-se em acompanhar o padre à sala de audiência do tribunal judicial da Beira. Mas o padre Mateus aconselhou o Bispo que ficasse. E a petição foi aceite.

Já na sala de audiência, em pleno julgamento, o padre solicita a casa de banho para urinar. E, em resposta à petição, foi-lhe autorizado a usar o WC do Tribunal.

O Juiz mandou o *cipaio torturador* para acompanha-lo, mas voltou com o arguido sem ter satisfeito as suas necessidades biológicas. E o padre implorou ao Juiz, dizendo:

-“Meritíssimo, ali não tem capim”. E continuou:

-“Preciso urinar ai no capim apontando o riacho de Chiveve da Beira que se localiza a uns 20 metros do tribunal, pois este Julgamento é resultado dessa desobediência, de urinar no lugar somente autorizado para pessoas da raça branca europeia. E é por isso que estou aqui a ser julgado. Eu, sendo negro, também não posso urinar aí no WC, porque senão estarei a violar a lei, mesmo aqui no Tribunal e estarei agudizar a minha pena.”- Rematou o padre de pé com as mãos cruzadas.

Feito isto, o Juiz provou a inocência do arguido, e foi absolvido na hora.

1.12. A fuga

A partir dos acontecimentos de Abril de 1967, dia em que o padre se declarou abertamente contra a Governação do administrador Matope, agudizou a relação já deteriorada havia bastante tempo, devido a campanha política do padre, com o "FUNGULANI MASO" o que traduzido significa "abram os olhos", mobilizando pessoas a odiarem o governo colonial fascista português.¹¹

O padre Mateus Pinho Gwenjere, que recrutou e encorajou muitos dos seus alunos e jovens para se juntarem à Frelimo, fundada em 1962, na expectativa de eles virem a ter bolsas e a continuarem com os seus estudos no exterior, e na Tanzânia, agora é a sua vez de ser perseguido, pois nada lhe restava. Regularmente sofria a pressão da PIDE-DGS. O seu quarto era revistado, dia após dia. Existiam espias e, em alguns casos, eram missionários, que desempenhavam funções de verdadeiros informadores. Mesmo as missas que o padre celebrava sofriam censuras. Aliás, quase sempre estava presente um enviado da PIDE-DEGS. O Governo ditatorial de Salazar, com a sua polícia sangrenta, PIDE-DGS, não pensava duas vezes para violar o acordo de 1940 assinado com a Santa Sé, a "Concordata de 1940", que preconizava a "não intromissão do governo nos assuntos religiosos da Igreja Católica Romana."

Através da Rádio da Frelimo, emitida directamente da Tanzânia, escutava os noticiários de princípios das tardes e das noites. Em muitos casos, escutava-os com estudantes, no seu quarto, sito no 1º andar, no último quarto, na zona de nascente. Aí escutava a voz do locutor Rafael Maguni, transformando o seu próprio quarto em "Quartel-general, e ele com a função de Comissário Político".

Dois meses depois do acontecimento de Abril, em Junho de 1967, nada lhe restava ao padre senão, perseguir aos seus, em Tanzânia.

Madrugada do dia 7 de Junho de 1967, por volta das duas horas, com um Inverno rigoroso, a choviscar, vestido de capote, com chapéu de palha, e uma bengala, com a coluna inclinada, à semelhança dos passos do velho, o padre Mateus Pinho Gwenjere

estava a deixar a missão em direcção à estação dos caminhos de Ferro de Murraça. De comboio segue à Mutarara. Já em Sena, uma estação antes de Mutarara, a mais ou menos 8 km de distância, pois o que separa é a ponte de Dona Ana, construída sobre o rio Zambeze, em 1933 (ano do nascimento de Kamphawi), os passageiros são informados que o comboio deveria sair daí as 7.00 horas do dia seguinte.

Depois de uma grande rusga e vasculha, o padre desce do comboio, disfarçado de um “velhinho casacado”, assistiu, com seus próprios olhos, o aparato armado português, como se estivesse a ir para uma batalha de combate. Eram homens que estavam a caça do saudoso padre nacionalista.

Para escapar, o que lhe restava era via fluvial. Ao lado estavam duas canoas de pescadores, que já estavam prestes à deslocarem à outra margem do rio Zambeze, isto é, para Mutarara. Assim o padre embarcou.

Já estava a amanhecer. Agora o padre estava no distrito de Mutarara, pertencente a província central de Tete. Foi daí que seguiu via Inhangoma, passando pela zona de Jardim - Mutarara velha, até Vila Nova de Fronteira. E, assim, entrou no território malawiano, em direcção à Tanzânia.

A via seguida pelo padre foi: Missão de Murraça — Estação de Murraça — Sena — Mutarara — Malawi — Tanzânia. (Em Mutarara, os jovens recrutados anteriormente desciam na estação de Charre e dormiam no internato da Missão, onde era Superior o P. Roger Pille, belga. E, de manhãzinha, ainda noite, caminhavam até às colinas do vizinho Malawi, onde eram esperados e acolhidos. Dali eram encaminhados para a Tanzânia).

Entretanto, viu-se um contingente militar armado, como se estivesse a ir para uma guerra, contra um exército oposto. Mas, não iam a batalha armada. Eles estavam à procura do “Moisés moçambicano”, que tinha objectivos bem definidos, de ver um dia seu povo livre da dominação, da opressão e da exploração; um homem que defendia a igualdade entre os homens. O padre Kamphawi, como alguns dos contemporâneos o consideravam, defendia a igualdade de oportunidade entre europeus e africanos, entre mulheres e homens. Defendia, igualmente, que as crianças de origem europeia estudassem nas mesmas escolas e se sentassem nas mesmas cadeiras e também tivessem os mesmos professores.

Defendia, também, que os africanos com capacidade deviam ter os mesmos direitos dos europeus.

1.13. Padre Mateus Pinho Gwenjere na Tanzânia

Mateus Pinho Gwenjere nasceu em Murraça, norte da província de Sofala, em Moçambique, a 19 de Novembro de 1933. Ele tornou-se professor na missão de Murraça, e foi ordenado padre em Agosto de 1964. No mês seguinte, a Frelimo começou a sua luta armada, no distrito de Chai, na província nortenha de Cabo Delgado. E o padre, através da rádio “Voz da Frelimo”, onde o locutor era Rafael Magune, encorajava-se a mobilizar os seus estudantes a se juntar a Frelimo, na Tanzânia, na expectativa deles virem a ter bolsas de estudos, e continuarem com os seus estudos no exterior.¹²

Devido as ameaças que era submetido pela PIDE/DGS, em Junho de 1967, ele deixou Moçambique viajando pelo Malawi, em direcção a sede da Frelimo, na Tanzânia. E aí fez parte do corpo docente do Instituto Moçambicano, instalado na Tanzânia.

Gwenjere foi muito bem recebido pela cúpula da Frelimo, incluindo o presidente Eduardo Mondlane, que lhe foi saudar.

Embora o presidente Eduardo Mondlane se opusesse a ideia do padre receber treinos militares, ele preferiu passar por essa experiência, pois, conforme ele, pretendia sentir na carne e no osso o sacrifício da liberdade e da futura independência. E, assim, o padre Mateus Pinho Gwenjere foi aceite.

Na Tanzânia, Gwenjere, era o padre do povo. Ele não aceitou viver nas mansões, nem a vida luxuosa. Ele viveu como qualquer soldado. E, assim, granjeou simpatia da maioria dos soldados. E muitos o consideravam carismático. Por isso, muitas das dificuldades que os combatentes enfrentavam, tais como a logística, a alimentação, a saúde, entre outros, eram a ele apresentadas.

O padre não procurava os problemas que os estudantes e os soldados passavam, mas eram os próprios, que viam no padre o único que lhes podia ajudar a solucionar.

1.14 Padre Mateus Pinho Gwenjere o bode expiatório do Instituto Moçambicano

Portanto, os problemas que existiam no Instituto eram de ordem ética e moral que cedo se transformaram em problemas políticos sérios. Tão sérios como os que levaram os nossos pais a pegarem em armas contra o sistema da colonização portuguesa. Sentíamos falta de uma série de coisas e de cuidados. Esse é que era o problema dos estudantes no Instituto. Começamos a ver que de nós precisavam apenas como capa para receberem dinheiro e outros bens do Ocidente para as suas vidas faustosas. Como se desinteresse que havia lutas entre os mais velhos. Víamos que o que se passava no Instituto era o reflexo da desorganização e da luta que reinava ao nível da direcção da Frelimo - desabafa um dos estudantes que viveu na carne e osso no instituto.¹³

Continua dizendo, “Eram familiares nossos que perdiam as vidas por causa de luta pelo poder. Muitos daqueles combatentes tinham filhos, sobrinhos etc., no instituto. As tantas ouvíamos que fulano havia morrido em combate. Volta e meia vinham pessoas do interior e cochichavam com os familiares que sim, fulano de facto morreu, mas não em combate como estão a dizer. Foi morto, mas não digam a ninguém que fui eu quem disse isso, senão também estou mal”. Como é que nós, os filhos e familiares dessas pessoas nos poderíamos sentir? “Víamos também que algumas pessoas viviam em orgias sem fim. Tinham privilégios que a maioria não tinha. Essas pessoas estavam na mesma revolução como a maioria dos nossos pais que passavam fome e frio no mato.” Apelava-se para que consentissem sacrifícios porque a revolução é assim mesmo.

Os outros gastavam parte dos magros apoios que o instituto recebia em proveito próprio. Onde estava aí o bom senso das pessoas? “Nós, como estudantes do instituto, recebíamos um bónus de cerca de cinco shellins semanais para compra de pequenas coisas de uso pessoal, tais como pastas dentífricas, cadernos, lápis “, etc. Dizia-se nos bastidores que o cão de Janet gastava oito shellins de carne por dia. Se era verdade ou não isso não sei, mas víamos que uns sofriam em nome da revolução e outros, na mesma revolução, viviam bem. Tinham dinheiro para ir a um bar beber vinho ou whisky.

Conforme Laweke um dos estudantes do instituto escreveu no jornal independente Canal de Mocambique o seguinte :

“- O que dizem sobre o Padre Gwenjere, por exemplo, é tudo mentira. Como é que uma

pessoa culta e esclarecida como aquele padre podia deixar as coisas continuarem como estavam? Como é que Gwengere podia ficar calado, vendo pessoas a não serem assistidas convenientemente quando alguns chefes nadavam em orgias? O Padre conhecia o procedimento dos dirigentes. Diariamente recebia queixas de pessoas várias, e não só dos estudantes. Ele esteve em Nashingweia e, algumas vezes, no interior de Moçambique e aí viu muitos desmandos e recebia queixas.

Conforme o livro publicado pelo Dr Hélder Martins, citado por Baptista Trusão, um ex-estudante do Instituto da Frelimo, ele diz, questiona e conta, o que viu e viveu, ao mesmo tempo em relação ao comportamento do Padre no instituto:

“Li recentemente num livro de Hélder Martins, uma coisa engraçada que não passa de uma grande mentira. Ele afirma que o Padre Gwengere foi corrido de Nashingweia por Machel, porque logo que aí chegou pós-se a promover missas no seio de combatentes que, na sua maioria, nem professavam a religião católica. Isso é mentira, e das mais grossas. O que aconteceu foi logo que o padre chegou àquele centro, muitos combatentes de Manica, Sofala e Tete (zona centro) que o conheciam, aproximaram -se dele e começaram a queixar- se de uma série de coisas, incluindo maus tratos físicos.

O Padre Mateus Pinho Gwengere não era irresponsável para chegar a Nashingweia e dizer assim: venham daí todos camaradas, vamos rezar... O que aconteceu, foi que ele recebeu queixas. Os queixosos estavam fartos da prepotência de alguns chefes e do próprio Machel. Como Machel não tomava a sério as suas queixas, por serem simples subordinados, entenderam então que, talvez expondo os problemas ao Padre, que não era subordinado de ninguém ali, as coisas mudassem, já que o padre fora para aí exactamente para ver como é que as coisas andavam. Para quem lê o livro referido de Helder Martins, fica com a impressão de que Machel recebeu Gwengere com um cajado nas mãos e, de seguida, correu com ele a pontapés. Mas não foi assim. Machel nem o conhecia.

Gwengere foi bem recebido e bem tratado em Nashingweia. Só que, depois de se aperceber que o homem falava com todos e prestava atenção ao que lhe contassem sobre tudo quanto se passava no Centro, o cenário mudou. De facto, Gwengere não se calou. Ao tentar abordar as questões que lhe haviam sido apresentadas pelos militares, e sugerir como é que se devia criar um clima harmonioso entre todos, Machel ficou furioso.

Começou a perceber que uma prolongada permanência daquele homem aí lhe poderia criar problemas. A dimensão das queixas era enorme e punham em perigo a chefia do Centro. Machel tratou então de pedir para que o homem fosse levado de volta a Dar-es-Salam. Foi isso o que aconteceu. Martins convence quem não viveu aquilo. Gwengere só ficaria calado se fosse louco. O homem havia mandado para a Frelimo centenas de Jovens de Murraça (sua terra natal), Marrromeu (onde foi baptizado) e Beira, a capital provincial de Sofala, onde estava o primeiro Bispo da Beira, que tanto influenciou o padre, o Dom Sebastião de Resende. A PIDE prendeu-o várias vezes em Moçambique. Era um Padre patriota. Como é que devia ficar calado? Quantas pessoas, Martins mandou para a Frelimo?”, continuou a explicar o ex-estudante.

“Outra coisa muito importante para perceberem, a Frelimo e a trama que montaram contra Gwengere e Simango, é a seguinte: Um Padre e um Pastor são pessoas que foram moldados ética e moralmente através de anos de estudo do bem-estar individual e colectivo, com vista a harmonizar a vida dos seres humanos. Curiosamente, aqueles que viviam em bares e cabarés, desde Lourenço Marques até Dar Es Salaam, passaram a ser os grandes moralistas e paladinos da salvação do povo. Gwengere e Simango, que eram padre e pastor, respectivamente, reconhecidos internacionalmente, viraram vigaristas e contra a liberdade do povo! Dá para perceber isso? Veja só uma coisa: quando Mondlane viu que a situação no Instituto estava mal, veio ter connosco e prometeu-nos mundos e fundos. Falou de bolas para praticarmos desporto, de equipamentos e material estudantil etc. etc., Quase que nada aconteceu.”

1.15. Eduardo Mondlane acusado pelo Padre Mateus Pinho Gwengere

Por ocasião das festividades do fim de ano, Gwengere, acusaria Eduardo Mondlane de ser o responsável pelos desmandos que se viviam na Frelimo e, frontalmente, acusou-o de atitudes traidoras. Desde então, os estudantes, cuja maioria provinha do centro e norte do país, como atrás se referiu, tendo já do seu lado um homem do quilate do Padre Gwengere, passaram então da luta pacífica a protestos violentos. No seu regresso de uma viagem ao interior, Mondlane encontra o Instituto em ebulição. Tenta, em vão, pôr ordem na casa e, contra os factos apresentados pelos estudantes, não encontra argumentos que acalmem os ânimos.¹⁴

A 5 de Março de 1968, a situação no Instituto atinge o rubro, com os estudantes a exigirem a remoção dos professores brancos de origem portuguesa, acusavam alguns tais como Chadreque Paulino, Marcelina Rafael (então namorada de Joaquim Chissano, a trabalhar no armazém do Instituto) e Augusta Fernandes (uma conterrânea de Marcelina e, ao que se dizia, amiga íntima desta), de estarem a espionar os estudantes no Instituto, ao serviço dos chefes. A desconfiança terminaria em pancadaria envolvendo Daniel Chatama e Chadreque. Na circunstância, Marcelina levou um pontapé e Chadreque procurou refúgio na casa de alguns responsáveis da Frelimo, em Dar Es Salaam, onde foi relatar a Joaquim Chissano o que se estava a passar no instituto. Posteriormente, Chissano deslocou-se na noite do mesmo dia ao lar dos estudantes, na companhia de Samora Machel, Aurélio Manave e Luís Arrancatudo. Alertado do perigo que corria, Chatama toma a dianteira e dirige-se à esquadra da polícia de Kiwa, que distava poucos metros do lar dos estudantes, onde informa sobre a presença de homens armados no interior do mesmo. A confusão que os três homens armados tentam criar no local termina com a vitória dos jovens contestatários. Assim que a polícia chega, Aurélio Manave, tentando seguir os seus companheiros numa fuga precipitada, cai nas mãos dos agentes policiais. É então aprisionado e, durante a tensão, foi selvaticamente sovado, sob aplausos e apupos dos estudantes revoltosos.

Conforme conta um dos antigos combatentes que estava na confusão no Instituto:

1.16. Padre Mateus Gwengere nos Estados Unidos

Nos finais de Outubro de 1967, o padre Mateus Gwengere deslocou-se aos Estados Unidos de América, na companhia de Uria Simango, para testemunhar contra Portugal, na vigésima segunda sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. Imediatamente, após o seu regresso a Dar-es-Salam, dois meses depois, isto é, em Novembro, o padre encarnaria então a luta silenciosa dos contestatários e apostaria em acabar com os desmandos, fazendo do Instituto o seu campo de batalha. Gwengere começou por ouvir as queixas dos estudantes e, sem dúvidas, inculcou nos jovens a ideia de serem eles próprios o motor da história e não esperar por alguém que viesse de fora, para exigir mudanças de procedimentos no local onde viviam.

Após uma percepção atenciosa dos problemas e lia-se no rosto dos estudantes a

amargura e revolta devido a triste situação de vida que passavam no instituto a maioria dos provenientes da região centro e norte, incluindo os que ele próprio enviou a Tanzânia, o padre Mateus Pinho Gwenjere ergueu a cabeça e disse-lhes:

- "Os moçambicanos mais velhos, vossos pais, não esperaram que Portugal lhes dê na bandeja a independência. Por isso estão hoje a lutar. Se há problemas, é preciso lutarem e não ficarem calados à espera que alguém resolva os vossos problemas". O nascimento do despertar de consciência nos jovens estudantes, não passaria despercebido à directoria da instituição e ao presidente da Frelimo.

No mês seguinte, isto é, em Dezembro de 1967, numa tentativa de dialogar com os estudantes para esclarecer o que se ousou apelidar de "mal-entendidos no seio dos estudantes", Mondlane seria imensamente vaiado, chamado frontalmente de tribalista e regionalista.

"Não somos camelos. A gente vive os problemas" - gritavam os estudantes. O que muitos de nós queríamos, era que a situação mudasse porque eram os nossos pais que eram dizimados por balas de camaradas seus. Sentíamos que aqueles problemas, apesar de sermos crianças, mais tarde ou mais cedo nos iriam afectar. Afinal, a revolução era de todos nós. Para além disso, sentíamos que não nos prestavam a devida atenção. Tínhamos colegas doentes e não eram atendidos convenientemente. O Centro de Saúde que existia na época tinha um enfermeiro atencioso, o Aurélio Manave, que não podia fazer grandes coisas, porque o médico estava na maior parte do tempo ausente. Alguns de nós compreendiam isso, porque Hélder Martins era o único médico que havia para atender todos os casos. Mas em algumas situações a ausência do médico Martins era exagerada. Sabíamos que ele andava por perto e não vinha socorrer alguns casos de estudantes doentes" - desabafam os estudantes.⁸

1.17. Conclusão

A semelhanças de outras crianças do vale do Zambeze, Mateus muito cedo aprendeu a entender o meio que o rodeava e com pericia, aprendeu a caçar, a pescar e a nadar no Zambeze e nos riachos próximos, ajudar a mãe com o seu irmão mais velho, o Paulino, a cultivar a terra com enxada de cabo curto, para o sustento familiar, e quando o pai comprou as juntas de bois, com Paulino, o primogenito, atrelavam charruas de bois para lavrar a terra aumentando desta forma a produção agrícola.

A única diferença com a maioria dos seus contemporâneos e Mateus depois de uma jornada de pesca, da machamba, de pastagem e outras actividades obrigatórias do seu tempo entregava-se aos estudos, pois a sua casa se localizava a escassos metros da primeira igreja de Murraça, construída nas margens do Zambeze em Magagade.

Muito cedo, Mateus, descobriu as desigualdades sociais, económicas, política e o desprezo racial.

Com esta situação, o jovem Mateus de origem humilde, decide estudar mais, e prova disto foi aluno brilhante desde do ensino primário elementar até completar a 4ª classe, devido ao seu empenho aos estudos e ao trabalho, foi indigitado para dar aulas na Missão de Murraça.

Depois de consagrado como Padre, em 15 de Agosto de 1964 é colocado pelo 1º Bispo católico da Beira, o carismático Dom Sebastião de Resende, que sempre lutou para a independência de Moçambique.

Com instruções muito claras o padre lança – se na luta pela liberdade, mobilizando alunos, amigos, familiares, contemporâneos, crentes católicos. e voluntários, a partir do Padre, junta pessoas oriundas de Mutarara, Mopeia,, Moatize, Murraça, Morrumbala, e outras regiões do vale do Zambeze.

Em Abril de 1967 , Padre Mateus Pinho Gwenjere, rumo a Tanzânia para se juntar a Frelimo.

CAPITULO II

2. O COMEÇO DO ÓDIO CONTRA PADRE GWENJERE

Quatros meses depois de ter chegado no campo de recepção dos moçambicanos aptos para libertar a sua pátria, que é Moçambique, mereceu a confiança dos dirigentes da FRELIMO. Já nos finais de Outubro de 1967, o Padre Mateus Pinho Gwengere deslocou-se aos Estados Unidos da América, na companhia do vice-presidente Urias Timóteo Simango e do Presidente Eduardo Mondlane, para testemunhar contra Portugal na vigésima segunda sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. Já ao aterrar ao Aeroporto Internacional de Dar-es-Salam, foi o próprio Mondlane que diz aos que estavam no Aeroporto, e mais tarde aos membros da direcção da Frelimo, que “a bomba caiu nas Nações Unidas”, pela forma sábia como o padre apresentou o seu discurso, e o mundo percebeu a necessidade de Portugal devolver o país aos respectivos donos, que são os moçambicanos. E no fim, o próprio Mondlane dizia “VIVA GWENJERE!” estes vivas não duraram muito, pois estes discursos a favor de Gwengere incomodavam, de certa forma, os conterrâneos de Eduardo Mondlane, sulistas. Conforme Vasco Momboa, antigo combatente que presenciou o acto. Muitos esperavam que Gwengere seria, no mínimo, o 2º vice presidente da Frelimo.¹⁶

Assim, as relações entre o padre complicaram-se, principalmente com a cúpula da Frelimo, incluindo Samora Moisés Machel.

2.1 A MORTE DE KANKHOMBA E A SUBIDA DE TENSÃO DENTRO DA FRELIMO

A morte de Kankhomba, natural de Niassa, Kankhomba, que então assumia o posto de chefe adjunto do estado maior do exército, “coadjuvando” Sebastião Marcos Mabote, natural de Inhambane, fazia parte dos que obedeciam “caninamente” os chefes da Frelimo. Os dias que se seguiram à sua morte seriam conturbados e, a situação agravar-se-ia de tal modo que, nenhum outro comandante, incluindo Samora Machel, ousasse fazer frente aos enfurecidos, pois qualquer tentativa de furar a barreira significava morte certa.¹⁷

A tensão dos estudantes subia dia após dia. O padre Mateus Gwengere havia

conseguido contornar alguns obstáculos junto a algumas antigas figuras da TANU.

Impossibilitado de fazer frente a Gwengere, a Kavandame, aos velhos do Baraza la Wazee e ao grupo dos “ Frelimo Youth League”, que constituíam as brigadas, o presidente da Frelimo, e os seus aliados, socorrem-se da diplomacia: era imperativo destruir o grupo dos revoltosos, antes do 3 de Janeiro.

A situação era explosiva e exigia muita perícia. Para tal, Mondlane contacta George Magombe, então Secretário do Comité de libertação da OUA em Dar-es-Salam, para servir de ponte para convencer as autoridades tanzanianas no sentido de ajudarem-no a sair-se do imbróglio.

Magombe, então amigo pessoal de Mondlane trabalha nos bastidores e, na sequência disso, no dia 27 de Dezembro de 1968, a casa de Padre Gwengere é invadida e encerrada.

Na circunstância, são presos os estudantes. É a invasão e a detenção daqueles jovens; dirige-se na noite do mesmo dia, na companhia de Basílio Francisco Banda, a esquadra onde os quatro estavam encarcerados. O padre queria saber do que se estava passando e, ao mesmo tempo, exigir imediata libertação dos jovens presos, reavendo igualmente as chaves da casa. Mandaram-lhe regressar no dia seguinte (28 de Dezembro). Na data, o clérigo, já na companhia de Gaspar Vingambunde, que foi Secretario Provincial em Cabo Delegado, dirigiu-se de novo á esquadra.

Segundo escreveria mais tarde o próprio padre” as 11. oo horas naquele local até ao dia 7 de janeiro de 1969 “ Desfazia-se, assim, o projectado Congresso extraordinário de Mzimbazi. O Padre Mateus Gwenjere seria interdito de qualquer actividade política, no território tanzaniano e, de seguida, entregue pelas autoridades daquele país à responsabilidade do Cardeal Rugambwa, que o afectaria a uma paróquia em Tabora. A maioria dos delegados à projectada conferência seria então detida e impossibilitada de prosseguir com o seu plano.

2.2 Vitória de Mondlane

Mas, a despeito desta vitória de Mondlane contra Gwengere, e os seus seguidores, a

situação ainda era preocupante. Estavam ainda por neutralizar Lázaro Kavandame, e o seu grupo. Estes, desde de 22 de Dezembro de 1968, transportavam na consciência a morte de Kankhomba. Todos sabiam de que Kankhomba fora vítima das acções dos “Frelimo Yuth League” cujos membros eram apoiantes de Kavandame. Dai que se estava perante o facto provado, e a polícia tanzaniana ao encalço dos assassinos. Os responsáveis da Frelimo, e os seus aliados, sabiam que Kavandame e o seu grupo haviam metido os pés pelas mãos, ao assassinar uma pessoa dentro do território tanzaniano. As autoridades tanzanianas não apoiariam Kavandame nessa acção. O mesmo se poderia dizer em relação a Simango. Para ele, a ideia de assassinar um camarada para fins políticos repugnava-o.¹⁸

2.3 Numa primeira fase: Mondlane, Gwenjere e outros lutaram pela mesma causa

Para o Padre Mateus Pinho Gwenjere, a forma mais rápida de libertar Moçambique era pela via armada. Não acreditava que Portugal poderia concordar numa solução negociada, e considerava os Estados Unidos, um aliado natural de Portugal, no contexto da NATO. Apesar de terem opiniões diferentes sobre como libertar Moçambique, convivia com Mondlane. Contudo, houve forças, dentro do movimento, que tudo fizeram para minar o bom relacionamento que se estava a desenvolver entre o Dr. Mondlane e o padre Gwenjere.

O Dr. Mondlane sentiu-se deveras entusiasmado com a chegada de Gwenjere, dado o seu nível intelectual, e a admiração que nutria por ele.

Chegou mesmo a dizer que Gwenjere era um dos mais importantes combatentes da liberdade que a FRELIMO conseguiu trazer para o exterior. O presidente Mondlane ficou satisfeito com o testemunho do Gwenjere, nas Nações Unidas, após evidenciar a ineficácia da diplomacia na resolução do problema da independência de Moçambique. Assim, ele integrou Gwenjere nos círculos do poder, ao fazer questão que fosse recebido por Robert Kennedy e Edward Kennedy, irmãos do falecido presidente norte-americano, no John Kennedy, e Nova York. De facto, os arquivos da PIDE-DGS revelam que o governo português ficou bastante incomodado com o testemunho de Gwenjere.

Numa informação dirigida ao Governador-geral de Moçambique, em Janeiro de 1968, o director do Gabinete dos Negócios político do Ministério do Ultramar escreveu o seguinte:

Em seguimento ao telegrama secreto de 30 de Dezembro findo, que comunicou a Vossa Excelência ter sua Excelência a Ministro autorizada que se facultasse a sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo de Lourenço Marque as recentes declarações do padre Mateus Gwenjere prestada na ONU, tenho a honra de ir remeter dois exemplares do documento... Prossegue a informação com as seguintes palavras: Segundo informação recebida neste gabinete, tal depoimento impressionou grande número de delegações, na 4ª Comissão... Indignado com o testemunho, George Coleride-Taylor, da Serra Leoa, disse: Temos ouvido descrições horripilantes que nos fazem girar o sangue nas veias, das atrocidades dos portugueses, do terror escandaloso que podia ser literalmente descrito como a violentação da África, feita por Portugal.

2.4 Francisco Moises Nota fala da espionagem de Joaquim Alberto Chissano a casa Padre Mateus Pinho Gwenjere em Tanzania

Todo o ponto 2.4 são as declarações de Francisco Moises:

Li as invenções de Chissano antes de ler o que mutantes Leo disse em reação ao TSOTSI-BYNHYA (aldrabao-bandido) Joaquim Chissano. Não podia compreender o que ele tentava dizer. Vai em rodeios, estonteado-se de vertigens por causa da carga de crimes que ele pessoalmente cometeu. Talvez que é preciso tomar este gajo para aquela tarde de 1968 em Chang'ombe, zona residencial de Dar Esa Salaam na Tanzania, onde vivia o Pe. Mateus Pinho Gwenjere. Um grupo de nos estudantes tínhamos ido visitar o Gwenjere, para saudá-lo e comprimentá-lo. Dois estudantes lá estavam permanentemente como guarda-costas de Gwenjere, armados comicadamente de matracas, paus, um golpe dos quais podia matar um cão instantaneamente ou um bandido da Frelimo sem mais demora. Numa ponta da casa onde Gwenjere tinha um só quarto, vimos o Chissano parado e verificando em redor. O que é que o Chissano vinha fazer lá? Havia duas causas possíveis: espiar o Gwenjere ou para se entreter com algumas raparigas, uma das quais tinha feito uma criança com Guebuza. Estas raparigas moçambicanas-rodesianas (Zimbabwe agora) eram de virtudes fáceis. Dependiam do dinheiro que estes frelimistas lhes davam para viver ou sobreviver.¹⁹

Quando dissemos a Gwenjere que Chissano estava num cantinho da casa, Gwenjere saiu do seu quarto e dirigiu-se ao lugar onde Chissano estava , tomando em conta que Chissano estava provavelmente armado com uma pistola depois de troca de palavras não amigas o "Mas o padre é também assassino," disse Chissano. A palavra também na frase do Chissano estava a reconhecer e a confirmar que ele tinha na verdade morto pessoas com a sua própria mão como Gwenjere tinha lhe dito. "Podes me dizer o nome duma única pessoa que eu tenha morto?"

"O padre vendeu os alunos de Caia a PIDE," disse Chissano. Do que se sabia, Caia não tinha liceu. O liceu estava na missão de Murraca que o Padre Charles Pollet tinha insinuado muito contra a vontade do governo português. "O padre também reza a missa," acrescentou Chissano.

"Não se diz rezar a missa, diz-se dizer a missa," corrigiu-lhe Gwenjere. Rimo-nos a gargalhadas. Chissano ficou mais humilhado antes de dizer: "Padre, pa. Você não traz esses seus amigos para se rirem de mim." Rimo nos mais dele. Deixamos o homem no cantinho e regressamos ao canto da casa onde Gwenjere tinha o seu quarto numa casa que alegadamente pertencia a da Frelimo.

Pessoas não podem fazer ideia do Gwenjere e da sua coragem. Era um homem que uma vez em Caia disse ao um oficial da PIDE que lhe perguntou se ele era português. Em resposta Gwenjere disse: "quando é que combinamos que sou português?"

Era um homem que fazia estremecer Eduardo Mondlane a quem dizia frontalmente para sair da presidência da Frelimo porque estragava tudo na organização. Obviamente Mondlane não tinha o nível de português para enfrentar Gwenjere e ninguém na liderança da Frelimo podia enfrentar o filósofo que era Gwenjere. Ninguém mesmo. Todos estes dirigentes da Frelimo tinham medo dele, primeiro visto que Gwenjere lhes corrigia o seu português que falavam antes de analisar filosoficamente o que diziam filosoficamente.

Em lamentação um dia Mondlane disse a mim e a outros que estiveram a comer comigo numa mesa: "eu respeito muito o padre Gwenjere. É um homem muito educado, mas não gosto da maneira como age."

2.5. DESCONFIANÇA DO PADRE MATEUS PINHO GWENJERE

Segundo se diz, a uma dada altura da sua permanência no Quénia, o padre Mateus Pinho Gwenjere chegou a desconfiar de alguém relativamente ao rapto do reverendo Uria Timóteo Simango. Disso, Gwenjere chegou a reportar por carta, a Jorge Jardim, então refugiado algures na África Ocidental.

Na carta, Gwenjere é citado como tendo afirmado que um “elemento de confiança, ou como tal considerado, se infiltra no seu grupo, actuando para os serviços secretos da frelimo”.

O Padre Mateus Pinho Gwenjere não estava enganado. Contudo, curiosamente, meses mais tarde, a despeito de ter chegado a conclusão de que a FRELIMO tinha infiltrado e espiões no seu grupo, Gwenjere cairia numa cilada, ao que tudo indica, em que participou CMM (MAGIGA), o mesmo espião do enredo da captura de Simango.

Mas a visita é efectuada tardiamente pois o presidente do PCN já havia abandonado o território moçambicano. Desconhecedora do que se passava em Moçambique, a Dra. Joana Simeão desembarca no aeroporto da Beira, a 26 de Outubro de 1974. Nessa mesma noite, dois oficiais do COPCOM vão buscá-la, sob pressão, à casa do secretário do PCN, para a administração, Ahmed Haider, na Ponta Gêa. Na mesma cidade, foi ainda preso Arcanjo Faustino Kambeu, secretário do PCN para as relações exteriores. O secretário -geral do partido, Basílio Banda, foi detido em Nampula. Na Suazilândia, dois agentes da Frelimo tentam raptar o secretário para a organização do PCN, Manuel Lisboa Tristão. Alertado, consegue despistar os seus perseguidores, atravessando a fronteira em direcção a Joanesburgo, de onde segue para Nairobi. O DS estabelece, entretanto, que o Rev. Simango se encontra em Nairobi para onde, aliás, já havia seguido o padre Mateus Pinho Gwenjere, conselheiro nacional do PCN.

Através do director do Special Branch (SB) do Malawi, Focus Martin Gwede, a Frelimo consegue que este organize a ida de Simango a Blantyre, ostensivamente para uma reunião de alto nível. Gwede contacta o ministro do trabalho do Malawi, Albert Muwalo Nqmayo, pondo-o ao corrente da situação. Nqmayo concorda em enviar uma missiva a Simango, através da embaixada do Malawi em Nairobi, informando o presidente do PCN de que o governo de Banda estava disposto a mediar um encontro entre ele e a Frelimo, e que esta já dera o seu aval.

Agindo contra os conselhos de Manuel Tristão, o presidente do PCN parte do aeroporto de Nairobi para Blantyre, em Novembro de 1974. A viagem é custeada pela embaixada do Malawi. O suposto encontro tripartido nunca se realiza. Mal desembarca em Chileka, Simango é levado pelo SB para o posto fronteiriço de Milange. Com a conivência das autoridades portuguesas, o presidente do PCN é entregue a agentes da Frelimo.

A simulação da justiça encenada no centro de preparação político - Militar de Nachingweia foi ensaiada, a rigor, por Sérgio Vieira, assistido pelo responsável do DS para a província de Cabo Delgado e actual co-chefe do Comando Supremo das FADM.

Ausente de Nachingweia esteve o padre Gwenjere. A Frelimo, não fora possível de montar a tempo uma cilada semelhante àquela em que caíra Simango. Para atingir esse fim, o DS recorreu aos serviços secretos tanzanianos, TIS. Como agente, foi escolhido J.H.K. Matola, antigo inspector da polícia tanzaniana na região de Dar es-Salaam, e amigo pessoal de Gwenjere desde os tempos em que o padre andava em conflitos com a liderança da Frelimo. Enviado para Nairobi em 1975 como funcionário da representação tanzaniana junto da comunidade da África Oriental, J. Matola reaparece ao padre como apoiante do regime de Julius Nyerere e ligado a dissidentes da TANU radicados em Mombaça. Das recordações dos turbulentos anos de 67-68, os dois passam muito rapidamente à discussão de estratégias conjuntas, para o derrube dos regimes da TANU e da Frelimo.

Matola convence o padre a reunir-se com os tanzanianos de Mombaça por uma questão de segurança. Matola sugere a Gwenjere que, nos seus contactos com os exilados tanzanianos, adopte o pseudónimo de Said Omari.

A 9 de Outubro de 1975, Matola envia uma carta ao padre Gwenjere, informando-o de estar na posse de passagens de comboio para ambos se deslocarem a Mombaça, alegando não encontrar-se bem de saúde, Matola roga ao padre o favor de se dirigir a sua casa, logo que recebesse essa carta. No dia seguinte, Gwenjere sai de sua casa, em Kawangware, para Jamhuri Estate, na parte leste de Nairobi.

Em casa de Matola encontram-se três outros tanzanianos que são apresentados ao padre como oponentes de Nyerere. Nesse mesmo dia, os cinco entram num Ford cortina de cor verde, com a matrícula KMK546. Mas em vez de se dirigir para a estação dos caminhos-

de-ferro, o condutor ruma em direcção à Namanga, na fronteira com a Tanzânia.

Quando Gwenjere se apercebe de que caíra numa cilada, já era tarde demais e, nada pode fazer, pois havia sido acomodado estrategicamente entre os dois pretensos exilados, no assento traseiro do cortina, que mais tarde se vem a descobrir estar registado em nome de um funcionário da representação tanzaniana, junto da comunidade de África Oriental. Alertadas da ocorrência, as autoridades quenianas interrogam Matola que, entretanto, é visto em Nairobi no dia seguinte ao do rapto.²⁰

Matola confirma que, de facto, no posto fronteiriço de Namanga, havia sido detido um indivíduo que correspondia à descrição do padre, mas só que o mesmo se identificara como Said Omar. Omar, adiantou Matola, fora preso como traficante, pois na sua posse haviam sido encontradas pedras preciosas.

Depois de encaminhado para Moçambique, Gwenjere terá permanecido algum tempo em Maputo. Mais tarde é levado para o centro de reeducação de Macaloje.

Juntamente com outros presos políticos moçambicanos, o padre Mateus Pinho Gwenjere é sumariamente executado em 1977. Ao decidir por uma solução final para o caso dos presos políticos, o regime da República negava, ele próprio, a viabilidade do sistema de reeducação.

2.6. O SALÁRIO DAS INJUSTIÇAS

Em Outubro de 1976, Albert Namayo e Focus Gwede viriam a ser detidos por alegadamente conspirarem contra Kamuzu Banda. Os tribunais do regime malawiano condenam-nos a pena capital. Namayo é executado em 1977, mas a Gwede a pena é comutada em prisão perpétua. Com o início do processo de democratização no Malawi, Gwede é posto em liberdade, a 26 de Outubro de 1993

2.7 UM OLHAR DA CONVIVÊNCIA DE SAMORA E O PADRE GWENJERE E A RESPECTIVA PRISÃO

As relações entre o Padre Gwenjere e Samora Moisés Machel, sempre foram

ensombradas. Conforme um ex-amigo seu, Matias Mboa, com quem no dia 4 de Março de 1963 foi à Tanzânia, Samora tinha objectivos de continuar a estudar medicina e ele Direito (Depoimentos de Matias Mboa a 19 de Outubro de 2011, na TVM, aquando da celebração dos 25 anos pela morte de Samora).

Padre Gwenjere mobilizou e até recrutou muitos jovens das províncias de Tete, Sofala e sul da Zambézia, pois foi um dos primeiros padres de origem africana, na diocese da Beira. Nas suas palavras e nos seus discursos, mesmo em homilia, ele sempre apelava as pessoas com o seguinte, e supracitado, slogan: “ABRAM OS OLHOS”, com interesses de ver um dia o seu povo liberto do colonialismo. Não foi convidado por alguém da hierarquia, na Tanzânia. Ele foi por interesse meramente nacionalista.

Samora chega a Tanzânia no primeiro Semestre de 1963 e Padre Gwenjere quatro anos depois. Mas o Padre já havia enviado muitos para a Tanzânia, a fim de engrossarem às fileiras do movimento armado, e também para estudarem.

A subida de Samora ao poder de departamento da defesa e Segurança, nos finais de 1966, após o assassinato de Samuel Filipe Magaia, natural de Mocuba, tornou a vida dos estudantes e até de muitos militares, no interior, mais cara. Gwenjere é informado que grande parte dos que ele próprio mobilizou e enviou, já não estavam no Instituto, porque desertaram, e muitos outros morreram no campo de batalha, outros ainda pelas balas dos camaradas.

Ainda é informado que no interior somente vão os soldados provenientes das regiões Centro e Norte, ficando no instituto e ocupando cargos de chefia os oriundos de Sul. Diziam os estudantes, provavelmente seja essa a causa do assassinato de Samuel Magaia, visto que defendia que, se se quisesse a independência de Moçambique, para a guerra deviam se seleccionar pessoas das três zonas do país, nomeadamente, Sul, Centro e Norte do País.

Estas informações, fizeram com que o Padre Mateus Pinho Gwenjere, aproximasse a Samora, a fim de obter a veracidade das informações dos estudantes. Mas com a intransigência e sinuosidade de Samora, não se conseguiu chegar a nenhum consenso. Tantas vezes o padre pedira encontro com Samora mas, este último, sempre mostrava indisponibilidade de lhe atender. No interior do Instituto, Samora tinha seus informadores.

Para Samora era informação tudo que era de mal. Mas, a resolução dos conflitos, pacificamente, não era sua característica.

O padre passa para a igreja de Tabora, no norte de Tanzânia. A perseguição Samoriana não terminou por aí. O padre, por consequência da pressão que sofria, saiu de Tanzânia e foi a Quênia.

2.8. A última missa oficial do Padre Mateus Pinho Gwengere

Em 1974, período da revolução dos cravos em Portugal, o padre, ido do Quênia, chega à cidade da Beira e celebra a última missa que se diga, uma missa bastante concorrida, na paróquia da igreja católica da Munhava. Alguns dos participantes a essa celebração eram espões de SNASP, que foram instruídos para acompanhar todos os movimentos do Padre.²¹

Nas reuniões populares promovidos pelos núcleos da Frelimo, Simango e seus seguidores eram ridiculizados. A canções revolucionaria, forjadas em 1970 em Nachingweia e ensinadas as populações nas matas de Cabo Delgado e Niassa, eram agora entoadas nos centros urbanos de todo o território moçambicano, condimentando os comícios populares da Frelimo. Antes mesmo da proclamação da independência nacional, as crianças nas escolas cedo conheceriam de cor e salteado todo o reportório messiânico. Iniciava assim a aculturação do homem do amanhã, ao que os emergentes progressistas, parafraseando Samora Machel, passaram a apelidar de “homem novo” que se forjava e se temperava na revolução. Cantava-se em qualquer esquina e ocasião e, revolucionariamente, evocando-se a heroicidade dos chamados revolucionários e apupando-se os reacionários Simango, Joana, Nkavandame, Gwengere, Verónica, etc. A situação deteriorava-se a olho nu, na cidade da Beira, um grupo dos Democratas de Moçambique, a maioria dos quais de raça branca e mestiça, então professores no Liceu Pero de Anaia (atual Escola Secundaria Samora Machel) e na Escola preparatória Dr. Baltazar Rebelo de Sousa (actual Escola Secundaria Mateus Sansão Muthemba), agride, selvaticamente, o padre Mateus Gwengere. Gravemente ferido, o padre é hospitalizado na clínica do Dr. Unhai que funcionava num dos apartamentos próximo do Hotel Embaixador , por cerca de uma semana.

Foi com ajuda do Dr João Unhai conterrâneo do Padre um dos mentores de luta libertação de Moçambique, que esteve em conflito com a liderança da Frelimo, e foi

expulso do movimento, porque era medico de profissão, criou a sua própria clinica, que também foi martirizado, preparou minuciosamente a saída do Padre Mateus Pinho Gwenjere após melhorias dos ferimentos resultante dos jovens do Movimento dos Democratas de Moçambique, movimento este onde estava filiado o falecido Malangatana Ngwenha. Que a partir dos finais de 1974 passou a ser o braço da Frelimo.

A caça aos reacionários e particularmente, a Padre Mateus Pinho Gwenjere intensifica-se. Protegido por diversas pessoas, Gwenjere foi escapando de perseguição em perseguição.

Foi na noite da ultima quinta feira dia 28 de Setembro de 1974 que o Padre Mateus Pinho Gwenjere, disfarçado de um velhinho vestido de batina e cofió de barbas brancas, a semelhança de um Sacerdote Muçulmano, usando o nome de Said Omar, tomou o comboio na estação central dos Caminhos de Ferro da Beira rumando em direcção a Vila Nova de Fronteira, e seguindo via Malawi com destino a Quénia, onde posteriormente por uma astucia conseguiram de novo trazer para Moçambique, onde depois de muita humilhação que culminou com execução do Padre.

2.9. O Padre na Cadeia de Machava

A Cadeia de Machava foi um “inferno” para os moçambicanos que tentaram, no período da luta armada, opor-se ou mostrar os seus pontos de vista diferentes da elite da Frelimo ou do presidente e homem das armas Samora Moisés Machel.²⁸

É na cadeia da Machava onde eram aprisionados, numa forma desumana, os moçambicanos considerados reacionários. Um dos antigos combatentes, que felizmente está vivo, ficou quase cinco anos preso sem julgamento, passou por todas as sevícias, que o escravo devia passar, sem comida, sem comunicação, sem água e luz. E conta que, a pouca comida que eram dados para não morrerem de fome, a fim de, no dia seguinte enfrentarem outra tortura, era sem nutrientes. E faziam as necessidades biológicas no mesmo lugar, e quase todas as noites Samora vinha com os seus guarda-costas saber se ainda estavam vivos, e quantos morreram. E, se alguém estivesse morto, devia saber as causas, porque para ele era melhor a “lavagem cerebral e ou psicológica”, do que matar. Foi esta situação que o padre passou: numa cadeia com condições desumanas, coisas que o padre sempre combateu. Foi contra a desumanidade que ele deixou de liderar a Igreja de Murraça, fugindo a deportação para Portugal. E, por ironia de destino, encontra, na cadeia de Machava, péssimas condições.

Numa noite que já não se lembra, contou o entrevistado ‘AM’, “

nas suas visitas nocturnas, Samora encontra-se com o Padre Gwenjere. Com a sua voz agressiva, pega o ombro direito do padre e questiona:

- Ó Gwenjere! Quem ganhou agora!? O padre não gostou. Enquanto Samora pegava na gola da camisa do Padre, Gwenjere escarrou e cuspiu na cara de Samora. Este, envergonhado, mandou os seus sequazes, torturaram no padre. O nosso entrevistado também nos informou que, Samora mandou furar e arrancar os olhos do padre; e quebraram-no os braços e as pernas.

2.10. O rapto do Padre Mateus Pinho Gwenjere “ o Moises Moçambicano”

Contudo curiosamente meses mais tarde, a despeito de ter chegado a conclusão de que a Frelimo ia infiltrado espiões no seu grupo, Gwengere cairia numa cilada ao que tudo indica em que participou Magiga, o mesmo espião do enredo na captura de Simango.

Em Setembro de 1975, as autoridades tanzanianas e o governo da Frelimo em Moçambique assinaram um acordo económico e ideológico que viria a reforçar o campo das relações entre os dirigentes dos dois Estados vizinhos. Embora tardiamente explícito por via de uma assinatura formal, o acordo já implicitamente existia muito antes da independência política de Moçambique.

A constante interferência das autoridades tanzanianas na contenda entre os moçambicanos fazia parte desse pano tácito. Foi na sequência dessa colaboração que as autoridades tanzanianas prenderam Tanga, Miguel Murupa e igualmente perseguiram no norte do território tanzaniano Raul Casal Ribeiro e sua esposa Lúcia Tangane (Todos natural de Mutarara província central de Tete, distrito de Mutarara, falante de Sena, mesma língua de Padre Gwenjere) . Todo, na companhia de quatro filhos menores do Casal Ribeiro, fora entregue a Frelimo dos em Nachingweia.

CMM era um jovem seminarista natural de Murraça (localidade natal do Padre Mateus Pinho Gwenjere e amigo do padre) na província de Sofala .Iguualmente, como muitos outros jovens da sua idade e na sua época, juntou-se á Frente de Libertação de Moçambique no início da segunda metade da década de sessenta. Fez parte do grupo dos contestatários aos procedimentos de Mondlane . Isso ter-lhes-á valido a deportação

para Rutanda em Julho de 1968 . De Rutanda, escapou na companhia de outros dois para o Kenia onde se fixaria até ao “ golpe de Estado” de 25 de Abril em Portugal.

Regressaria a Moçambique na companhia do Padre Gwenjere que, igualmente, havia escapado para o território keniano nos fins de 1972, na companhia de Willis Shultz, depois de tentativa de assassinato de fora alvo na paróquia da diocese de Tabora onde estava afecto. Juntamente com outros contestatários aos procedimentos da Frelimo em 1974, CMM desenvolveriam a sua actividade Política filiados no partido de Coligação Nacional liderado (PCN) onde o Padre Mateus Gwenjere desempenhava as funções de Conselheiro da direcção do PCN Partido dirigido pelo Reverendo Uria Simango.

De forma pouco clara, CMM passou de contestatário ao procedimento da Frelimo a espião desse movimento no interior do PCN. Em Setembro ou Outubro de 1974, face á turbulência então instalada em Moçambique, empreenderia uma nova fuga de regresso a Nairobi, ao que tudo indica, na companhia do Padre Gwenjere.

Enquanto uns eram publicamente apresentados em Nachingweia e planificado o seu encaminhamento “a terra liberta”, os tentáculos de Frelimo mantinham-se em plena actividade no estrangeiro. E para além fronteiras, um dos alvos a abater era o Padre Mateus Pinho Gwenjere.

Estando o Padre em Nairobi, depois da sua saída precipitada de Moçambique em 1974, seria meses depois aliciado a participar numa suposta reunião com alguns tanzanianos que se apresentaram como sendo opositos ao regime tanzanianos de Julius Nyerere.

Para o efeito, ninguém mais do que CMM garantiria ao pleno êxito da operação, pois desde 1968 que Gwenjere convivia com ele e, a lealdade étnica havia dissipado na mente do padre qualquer réstia de desconfiança em relação ao jovem seminarista. Segundo fontes em Nairobi, raras eram as vezes em que se via o padre Gwenjere sem que não estivesse na companhia de CMM ao de Wills Shultz. CMM era como que um secretário particular de Gwenjere e Wills Shultz um conselheiro, assevera uma das fontes.

Na primeira quinzena de Outubro de 1976, um grupo de suposto opositores ao regime de Nyerere na Tanzania far-se-ia a Nairobi para raptar o padre Mateus Gwenjere e encaminha-lo a Moçambique.

Segundo fontes no território Kenyano, o plano, concertado entre as polícias políticas em Moçambique e da Tanzânia contou com a colaboração do suposto espião, CMM. Com efeito, depois de preliminares concertações, na tarde de 11 de outubro de 1976, Gwengere e CMM partia de Adam's Arcarda na companhia de dois Tanzanianos numa viatura para que se supunha ir tratar de assunto da luta comum de dois povos irmãos contra dois tiranos na África Austral - Julius Nyerere e Samora Machel segundo aqueles Tanzanianos "Machel era filho de Nyerere e sem Nyerere não podia permanecer por muito tempo no poder em Moçambique" -Era, portanto," preciso cortar a raiz para fazer secar a árvore disseram os Tanzanianos".

Um outro refugiado Moçambicano, que na circunstância se encontrava com um grupo desconfiado das atitudes do CMM e do grupo dos Tanzanianos, teria sem sucesso alertado o Padre para se acautelar, pois a atitude ofensiva com que o grupo tratava de assunto de natureza política era demasiadamente suspeita para se poder confiar nos seus propósitos.

Contudo, a despeito deste alerta, Gwengere estava profundamente seguro de que nada se contrariou aconteceria pois o CMM era seu homem de confiança. A existir qualquer perigo certamente tê-lo-ia alertando a tempo de não se aproximar daqueles Tanzanianos. O precavido homem ficaria assim de fora e o padre partiria com os três, ostensivamente para uma reunião com exilados Tanzanianos em Mombassa. Só que a viatura é que seguira pertencente a um funcionário da representação Tanzaniana na comunidade dos países da África Ocidental em Nairobi rumo em direção a Namanga na fronteira entre Kenya e a Tanzânia. Tanto CMM como o padre nunca mais seriam vistos nos círculos dos refugiados Moçambicanos no Kenya.

Tudo indica que o padre Mateus Gwengere não entrou vivo em Moçambique terá sido abatido numa tentativa de fuga quando já era conduzido em direção a fronteira da Tanzânia com Moçambique.

Os seus restos mortais seriam transportados na clandestinidade para margem moçambicana do Rovuma onde foram sepultados de qualquer maneira.

De Marco de 1981 em diante o silêncio foi total, o que levou tanto os filhos como a maioria dos familiares a desconfiar de que algo de sinistro se estava a passar.

Em 1986, Jorge Costa ex-diretor Nacional de Segurança, dissociar-se-ia do regime indo procurar refúgio e protecção na África do Sul.

Foi a partir daí que execução sumária dos prisioneiros político moçambicano viria a ser conhecida foi ainda desvendado e relatado o plano do governo da Frelimo em forjar um documento visando dar credibilidade jurídica a pena capital aplicada a Simango e aos seus companheiros a revelia dos tribunais com efeito, a revista sul africana SCOP publicou 11 de fevereiro de 1983 a transcrição do documento que daria início ao macabro plano tendo a atesta-lo a assinatura do ministro de segurança.

2.12 Conclusão

Padre Mateus Pinho Gwenzere, foi bem recebido em Tanzania pela elite da Frelimo, mas na verdade aquela recepção um dia viria a deteriorar-se.

Para padre os males que os levaram a abandonar Moçambique mantinham, desta vez não eram perpetrados pelos colonizadores estrangeiros, mas desta vez eram próprios moçambicanos. A discriminação para cargos de chefia dependia da origem, o nepotismo, o tribalismo, o regionalismo, graçava os combatentes. Existiam dias em que a maioria dos soldados passavam fome, no interior de Moçambique para a guerra eram enviados os provinientes das regiões das centro e norte.

Quase todos os dias no seu quarto o padre recebia queixas dos estudantes e dos militares que saíam do interior feridos e em muitos casos sem tratamento e nem consideração. Foi a partir daqui que usando os tratamentos dos 1º s socorros aprendidos enquanto era seminarista e felizmente os curava.

Deixar essas injustiças para o padre era um insulto a sua consciência, e isso levou ao padre na luta sem treguas, o que veio a custar-lhe a vida.

CAPITULO III

3. OS PRIMEIROS ESTADOS MOÇAMBICANOS

Marx e Engels defenderam a ideia de que é sempre o exercício de funções sociais que está na base da supremacia política. Com efeito, na interpretação marxista, uma das vias que leva ao aparecimento do poder de Estado consiste na especialização de um pequeno número de indivíduos em determinadas funções não directamente produtivas. (MEC, História: manual 11, Maputo-1981,pag.).

Com o incremento das forças produtivas e a crescente divisão social do trabalho, gera-se a necessidade de dispor de uma equipa de pessoas capazes de administrar e de organizar a sociedade no seu conjunto. Nasce, assim, a função técnico – administrativa, a qual, progressivamente, é absorvida pela dominação política.

Assim, verificou- se, em Moçambique, a existência de Estados no período pré-imperialista em muitas regiões, tais como:

No Norte de Moçambique, os Estados Ajaua, os Estados Makua, Os reinos afro Islâmicos da costa, (O Xeicado de Quitangonha, O Xeicado de Sangage, Xeicado de Sancul, Xeicado de Tungue).

No Centro de Moçambique, o Estado do Zimbabwe, o Estado de Mwenemoutapa, O Estado Marave, O Estado de Barue, O Estado Undi e o Estado Makanga.

No Sul de Moçambique, o Estado de Gaza.

Todos estes Estados ou reinos tinham a sua organização, suas culturas, suas tradições, suas ideologias e suas formas de administração económica e social particular de cada Estado.

3.1. Os Estados importantes do norte de Moçambique

3.1.1. Os Estados Ajauas

Localizavam -se na parte norte de Moçambique, eram construídos pelas linhagens matrilineares (Mumba) chefiados pelo irmão mais velho (Asyene Mbumba).

O trabalho agrícola era feito pelas mulheres e filhos solteiros, os homens adultos dedicavam-se a caça, ao fabrico de instrumentos de ferro (enxadas, machados, armas).

Entre os Seculos XVI-XIX, os Ajauas estabeleciam contactos comerciais com Quiloa, Zanzibar, Ibo, Ilha de Moçambique, margem ocidental do lago Niassa, Zumbo com Cazembe da Zâmbia.

A partir de 1840-50 a base da economia ficou virada para o comércio de marfim, escravos e tabaco e em troca recebiam armas, tecidos e pólvora.

A islamização da aristocracia Ajaua fortaleceu o poder dos chefes Mataca, Mtalica e Makanjula.

3.1.2. Os reinos afro-Islâmicos da Costa

Constituem os reinos afro-islâmicos da costa os xeicados de Quitangonha, Sancul, Sangage e o sultanato de Angoxe. Estes destacaram-se na arena política nos meados do séc. XVIII, período do comércio de marfim e do tráfico clandestino de escravos, após os decretos de 1836 e 1842.

A soberania de Sancul começou a ser ameaçada nos finais do séc. XIX, com o início da ocupação efectiva portuguesa. Apesar da resistência dirigida por Suali Bin Ibrahim, em 1896, foi obrigado a seguir uma política moderada a partir de 1899.

3.1.3. O Xeicado de Quitangonha

A formação do xeicado de Quitangonha situa-se no séc. XVI, por populações oriundas da Ilha de Moçambique, entre 1515-1585

Em 1912, o xeique Mussa Piri dirigiu uma resistência contra os portugueses, contudo, com o avanço da ocupação da ocupação colonial, mobilizou os seus homens e com o apoio dos chefes Macua do Mongicual e de Mogovolas, revoltou-se sem sucesso contra os portugueses . Mussa morre no exílio no Timor e a região transformou-se num regulado Português.

3.2. Estados importantes no centro de Moçambique Séc. XIII á Séc. XX

3.2.1 O Estado do Zimbabwe

Fundado por volta dos anos 1250 , tinha a sua sede na região central de Moçambique, embora hoje pertença a atual Zimbabwe. As suas incursões militares chegaram a ocupar a região de Manyekeni situado a 50 km do atual baía de Vilanculos, na província sulista de Inhambane. (MEC 11, pág. 12).

Os conflitos internos, principalmente de sucessão fragilizaram o Estado do Zimbabwe provocando o seu declínio, facilitando a invasão pelo exército de Mutola ocorrido por volta de 1440-1450, dando lugar o surgimento de outro Estado, o Estado de Monomotapa. (MEC 11 Pág. 12)

3.2.2. O Estado de Mwenemotapa

Fundado entre os anos 1440 e1450, na sequencia da invasão e a conquista do norte do planalto Zimbabweano pelo exercito de Mutola, desenvolveu-se Entre-Os-Rios Mazoé e Luia. O Estado de Monomotapa, submeteu os Tongas, matrilineares, e não falantes da língua Shona. Ele tinha os seus Estados vassallos (províncias),nomeadamente, Sedenda, Quissanga, Quiteve, Manica, e Barué.,(A.A,VV, Moçambique e a sua História, 80) .

Embora a Sede política do Estado de Mwenemotapa se encontrasse no atual Zimbabwe, quase todos Estados vassallos se instalaram aqui em Moçambique, na região centro, nas atuais províncias de Manica, Sofala e Tete.

A partir do séc. XVI , apos o batismo de Mwenemotapa pela igreja Católica Romana, iniciou o período da decadência do império. Em 1570, uma expedição portuguesa invadiu o império para se apoderar do ouro.

Contudo, foram vários os fatores que explicam a decadência do Mwnemotapa: A intervenção dos portugueses nos assuntos internos do Estado; a intensa cristianização prosseguida pelos missionários; e principalmente a invasão dos povos Nguni, povos proviniente do sul de Moçambique, em 1830 á 1834. (Mussa pág. 51 E 55).

3.2.3. O Estado Marave

O Estado Marave formou-se entre 1200 á 1400 com a chegada de povos provenientes de Luba do Congo, liderados pela Clã Piri. Estes ocupavam a região situada ao norte do rio Zambeze, entre o rio Chire e Luangua. Este Estado cobria as regiões centro e norte, nomeadamente, o norte das províncias de Tete e Sofala, províncias da Zambézia, Nampula e uma parte de Niassa e Cabo-Delgado.

À semelhança dos outros Estados, a decadência do Marave, teve varias causas, sendo algumas as que se seguem:

- As lutas entre- Piri do sec.XVI, que visavam assegurar o controlo do comércio de marfim, terão minado o poder dos Piri.
- A interferencia crescente dos praceiros (donos dos prazos) no Estado Marave.
- A penetração mercantil portuguesa no vale do Zambeze a partir de 1.530 e o bloqueio feito a Penetração Swahili – Árabe.

Acima de tudo, a situação agudiza-se com a invasão dos Muni (povos vindos do sul de Moçambique) oriunda do Mfecani (política expansionista Zulu para o sudeste e centro africano) que fizeram o seu aparecimento no Estado dos Undi em 1835, tendo atravessado o Zambeze, entre Chicoa e Zumbo, liderados por Zwangendaba Jere (Carlos Serra, Historia de Moçambique, Volume I, 52).

3.2.4. O Estado do Bárwe

O Estado de Bárwe era anteriormente uma província do Imperio de Monomotapa. A partir do Séc. XIX Barué passou a ser um Reino independente. O reino de Barué, situado na

zona seca, montanhosa e inóspita que se estendia para o interior, a partir do desfiladeiro do Lupata, conseguira manter uma posição independente face ao domínio afro-português. Visto Barué ter igualmente controlado as estradas que partiam do Zambeze e seguiam rumo a Manica, estas nunca haviam estado sob o controlo direto dos Portugueses.

Os reis do Barwe, tinham um poder mágico, de que muito se serviam quer para superar obstáculos nas suas expedições, quer nas frentes de batalha, e que se diga como ilustração dessas qualidades que a deslocação para Esta (zona moçambicana de Guro, Barué, Makosa), realizou-se em período chuvoso, tendo os dois batalhões deparado com cheias no rio Kaweredzi ou Keeredzi, rio fronteiro entre Moçambique e o Zimbabwe, que para atravessá-lo, como dizia o senhor Bongwe:

O Primeiro Saranganga (chefe Makombe) serviu-se da sua bengala para bater sobre a água do rio. Este interronpeu o seu curso deixando um corredor arenoso, permitindo a passagem de Samanyanga e seus homens, depois o rio retomou o seu curso, e surpreendido pela abundancia e fúria das águas, não se faz rogado. Procurou um arranha-céu e com uma habilidade invulgar atirou-a á outra margem do rio. Posto isto, Makombe e os seus guerreiros serviram-se do fio da arranha-céu, fixo de um e do outro lado do canal do rio, para transpor o rio Kaeredzi;

Ou ainda o facto de existirem inúmeras versões sobre o desaparecimento de Makombe convergindo na afirmação de que:

Todos os Makombe tinham a virtude de se transformar ora em perdiz, Pássaro, Leão, em outro animal ou objecto, segundo as circunstancias e perigos em face. Como que a testemunhar estas qualidades metamórficas, é ideia geral que nenhum dos Makombe teria conhecido a morte como a concebemos hoje e sido levado á sepultura. Cada um deles terminou transformando-se num animal, geralmente perdiz, em situação de batalha e desaparecido normalmente nas margens dos rios Zambeze sobretudo o Kaeredzi. No caso do Makombe, diz-se que se... Transformara em perdiz, voou e foi desaparecer nas rochas situadas na confluência Entre-Os-Rios Kaeredzi e Luenha.

Importa aqui avançar algumas reflexões:

Em primeiro lugar, sobre o episódio da bengala de Samanyanga utilizada para a travessia do rio, podemos considerar que este pormenor da bengala para estancar as águas que se

dividem em dois se assemelha estranhamente com os feitos de Moisés, personagem bíblico que, também com bengala, estancou o Mar Vermelho para atravessar á pé enxuto o curso das águas assim dividido. Vejamos textualmente o teor da referida passagem:

Então, disse o Senhor a Moisés. ... Levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar, em seco. /Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o Senhor fez retirar o mar por um forte vento oriental, toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas. E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar, em seco: e as aguas foram lhes como muro, á sua direita e á sua esquerda. (DOMINGOS ARTUR DO ROSARIO, MAKOMBE- Subsidio a reconstituição da sua personalidade, pág. 17-18).

Makombe foi o timoneiro e impulsionador da resistência á ocupação colonial, numa área que vai, grosso-modo, do rio Zambeze ao Pungue, dos rios Luenha e Kaeredzi ao oceano Indico.

No entanto, no norte os Homens de Nongwe-Nongwe (imperador do Barwe), demonstravam a sua bravura frente às contraofensivas portuguesas. Entretanto, foi num destes combates, provavelmente em Mungari em que Makombe Nongwe-Nongwe saiu derrotado, tendo-se refugiado na Rodesia (actual Zimbabwe) em companhia de cerca de 9.000 pessoas, incluindo as famílias. Foi assim que Makombe Nongwe-Nongwe perdeu a sua preponderância e, como consequência, iniciou a desagregação da resistência ao Norte de Barué.

Makombe Makosa (outro imperador de Barué), o último soberano a usar esse título, não foi o menos afoito que os seus predecessores. Preferindo combater nas montanhas, local de difícil acesso para as artilharias europeias, Makombe Makosa pode neutralizar uma ofensiva portuguesa, em Outubro de 1917. A sua entrega à causa da libertação era tal que, por essa altura chegou a declarar que “preferia morrer a combater que voltar a estar sob domínio português”(pp. 73).

Mas, aqui se trata de um parêntesis, com objetivo de desviar a atenção da maioria na zona da Munhava (uma região pantanosa, habitada maioritariamente com pessoas de baixa renda), aqui na cidade da Beira, há uma escola primária, que ostenta o nome de Escola Primaria Makombe, que até o momento que estou a escrever esta dissertação não

beneficiou de trabalhos adicionais. Todavia, o Município da Beira no seu trabalho rotineiro para melhorar o visual da urbe, está dando uma consideração especial, melhorando as suas vias de acesso.

O Estado de Barué foi o último Estado moçambicano a ser derrotado pelas forças portuguesas em outubro de 1917, em plena Primeira Guerra Mundial.

Infelizmente, estes grandes heróis (Makombe) da luta pela liberdade do povo, não constam na lista dos “ heróis ou endeusados “do regime ou do governo da Frelimo desde da independência em 25 de Junho de 1975, desta pátria que se chama Moçambique. Para “agravar” a situação, atualmente não está incluído pelo Ministério da Educação, com a finalidade de informar essas resistências aos alunos. Os seus vestígios não estão guardados na cripta em homenagem aos grandes Homens provenientes da zona centro e norte de Moçambique, que se opuseram a dominação colonial portuguesa.

No centro além dos Estados do Zimbabwe, Mwenemotapa, Marave e Barué também existiram nesta região os Estados Militares do Vale do Zambeze (Estado Macanga, Massangano) os Estados Esclavagistas, o Estado Undi e outros Estados menores, influentes e organizados, com o papel de resistência contra a dominação estrangeira, não somente dos portugueses mas também contra a presença nos seus reinos de outros estados com tendências de governar “ de origem africanas e árabes.

Barué dissolvera no caos criado por uma serie de facções que disputavam entre si o título de o Makombe.

Acima de tudo os ataques perpetrados por exércitos angune (povos proveniente do Estado de Gaza) que atravessavam o reino sempre que bem lhes apetecia . Newitt 263.

3.3. Estado importante do sul de Moçambique

3.3.1. O Estado de Gaza

O Estado de Gaza foi provavelmente fundado em 1821 na zona de Tembe, ao sul da actual cidade de Maputo, por Sochangane ou Manicuce.

O Estado de Gaza na sua extensão máxima abrangia as regiões situadas entre a Baía de Maputo e o rio Zambeze. (Carlos Mussa 2004, Ex. Pág. 67 exemplo)

Ngungunyane nasceu sem dúvida no sul de Moçambique, provavelmente na actual província sulista de Gaza, (terra de Eduardo Chivambo Mondlane -primeiro presidente da Frelimo (25 Junho 1962-ao seu assassinato num livro-bomba na casa de Betty King à 3 de Fevereiro de 1969 no território tanzaniano), Samora Moisés Machel presidente da Frelimo e da Republica Popular de Moçambique (Maio de 1970-1975 e de 25 de Junho de 1975 até a sua morte num “acidente de aviação” em Mbusine no território sul africano à 19 de Outubro de 1986), Joaquim Alberto Chissano de Outubro de 1986 a 1994, e por fim de Armando Emílio Guebuza, actual presidente, também a mãe é originária da mesma província, embora se diga que é natural de Nampula.)

Ngungunyane que é considerado Herói, sempre aceitou ser vassalo do colonizador português. Conforme o publicado em *11 de Setembro de 1885 a revista O Ocidente* anunciava;³⁰

EMISSÁRIOS DE GUNGUNHAMA (sic). Chegaram a Lisboa três emissários do régulo Gungunhama que vem renovar o tratado de vassalagem ao rei de Portugal. Estes emissários trazem presentes do seu paiz para o rei de Portugal, e vão ser recebidos pelo soberano em audiência real, na qual se apresentarão em costume do seu paiz , isto é , de couro cortado em tiras , os braços e as pernas enfeitadas de tranças de crina e na cabeça uma cuia ou cabaça com um grande penacho de pennas de abestruz. Este traje é só para a receção oficial, pois fora disto os emissários vestem calças e casacos de flanela azul como homens civilizados (Coleção Embondeiro – Gerhard J. Liesegang – Ngungunyane pág. 23 e 24)

A estrutura interna do Estado de Gaza, entre os anos 1891 a 1894 não estava boa, pois era marcada pelo desentendimento com os seus súbditos, pois o próprio Gungunhanyana não ousava resolver os problemas da sociedade, pelo contrário, se preocupava mais pelo poder e não pelo bem-estar das populações.

Assim, um português estacionado em Mandlakazi observou, referindo-se a Ngungunhane:

“ ...tenho observado que o prestígio do poderoso régulo tem declinado bastante bastante , fazendo cada um o que bem entende , sem mesmo consultar . Foi assim que o régulo Chuaibo (Chwaive de Xai-Xai), ainda há pouco tempo, contrariou os planos do Gungunhana, dispersando e fazendo fugir a gente de Cossine, que ele Gungunhana tinha

mandado bater os m'chopes seus inimigos. GERHARD J. LIESEGANG-NGUNGUNYANE PAG53.

Numa outra ocasião o mesmo autor escreveu o seguinte:

“ Um dia depois da sua prisão, Ngungunyane teve de embarcar no Capelo, que começou a descer para Languene e a Barra. Quando Ngungunyane passava no barco no rio Limpopo choviam insultos e perguntas como: Onde vais tu, mungoni de barriga gorda; onde vais, que roubaste as nossas galinhas e bois...” (Autor, Ngungunyane, 1986, pág. 61)

Em 1895 parece ter havido muitos em Gaza que duvidaram que Ngungunyane fosse um herói.

Em 1897 há uma revolta em Gaza e os insurgentes estabeleceram o seu quartel-general perto de Chaimite. A mãe de Ngungunyane Yosiyo, é considerada culpada pela falta de chuva e talvez traidora. É morta.

No dia 13 de Março de 189, ainda na época fria, chega a Lisboa e quando Ngungunyane ficasse doente, era tratado no hospital militar, que nessa altura era da elite.

Já em 1904 Tomás Viera, então Actor de uma companhia de teatro em digressão pelos Açores, o teria visitado e perguntado se gostaria de voltar às suas terras? A reacção teria sido: *“ Ele cravou os olhos no espaço e duas grossas lágrimas correram pelas faces: Para que? Perguntou Gungunnyane. O povo já não me recebe – disse Gungunnyane a terminar (Pág. 70-71).*

Gungunnyane morreu em 23 de Dezembro de 1906, depois de mais de dez anos de residência nos Açores em Lisboa, numa vida luxuosa.

Em 1911 as mulheres sobreviventes foram repatriadas para São Tomé e depois para Lourenço Marques. Quando chegaram a Lourenço Marques ninguém se sentia responsável por elas. Parece que passaram um dia sem comida nos cais. Mostrando abertamente o ódio que o povo alimentava contra Gungunnyane e sua família (melhorar cpag 7).

Malyn Newitt no seu livro História de Moçambique, na página 337 descreve os últimos

dias do Estado de Gaza, dizendo: Alguns chefes irreconciliáveis, incluindo Pissane, outro tio de Gungunhana, escaparam através da fronteira do Transval, e o império outrora importante deixou de existir. Deixou também de existir aos olhos do povo. Raul Honwana, escritor e académico oriundo do sul, da vila de Marracuene referiu na sua autobiografia que, “ *quando Gungunhana foi finalmente levado pelas tropas de Mouzinho de Albuquerque a multidão gritava (...) Fora daqui, abutre, assassino das nossas galinhas ...*” Não terá sido impopular a destruição do poder das casa dos chefes angunes e na altura foi até considerado com indiferença pelos que os haviam conquistado e de quem tinham obtido tributo. Mostrando abertamente que Gungunhana não nutria apoio na sua governação. Nem os seus súbditos, nem os seus comandantes lhe eram fieis, devido as suas formas de governação, que era cauterizada pela tirania, antidemocrática, antissocial, sem humanismo e sem escrúpulo.

As regiões por ele ocupadas eram caracterizadas por fuga de pessoas para regiões circunvizinhas temendo a morte e trabalho forçado. E até vendia os seus, para serem escravos aos portugueses com os quais já havia assinado vários acordos.

Mas este é considerado herói, e os seus restos mortais..., (depois do batismo da igreja católica romana, em 16 de Abril de 1899 aceitou mudar o seu nome para Reynaldo Frederico Gungunhana e depois de viver uma vida luxuosa em Portugal, teve uma morte natural, já assimilado, negando por completo o “seu povo” a sua cultura e tradição.

3.4. ETNIA E O PODER EM MOÇAMBIQUE

A etnia é o conjunto de indivíduo que, independentemente da raça e da nação a que pertencem, estão unidos por uma civilização e uma língua comum. Steve Fenon, no seu livro Etnicidade, na página 26 define Étnico como adjetivo pertencente a nações não cristãs, pertencente a uma raça ou nação, que possui características raciais, culturais religiosas ou linguísticas comuns.

Se analisarmos a situação de Moçambique, não conseguimos enquadrar efetivamente o acima exposto, pois é constituído por várias línguas e diversas culturas, mesmo os vários povos que compõem esta região desde dos primórdios estiveram em conflitos entre eles em virtude de cada povo no período da penetração portuguesa, já existiam vários reinos e

vários estados, cada um dos Estrados defendendo a sua identidade, sua cultura, sua ideologia, incluindo a sua própria língua e suas terra.

Cada reino, ou Estado tinha a sua ideologia e conseqüentemente o seu Deus.

Por exemplo o Deus Mulungu do povo Sena, dos ancestrais do Padre Mateus Gwenjere não difere muito do Deus Jehova dos Hebreus – Enquanto o povo Nguni (pertencente ao Estado de Gaza), praticava crenças e práticas mágicas religiosas, liderado pelo rei. O mais importante ritual era celebrado em Fevereiro período do nkanhe, festa tradicional das primícias. E “ Incuala” servia para diminui as tensões sociais.

Graças a constituição de 1990, fruto do conflito armado liderado pela Renamo, a Frelimo de Joaquim Alberto Chissano, começou a devolver, o património da igreja católica em Moçambique. Até hoje o processo de entrega de bens da Igreja ainda não terminou, pois há muito por entregar. Em virtude de período posterior a independências, que já passam mais de 37 anos, o governo construiu muito pouco em termos de património.

As poucas construções de instituições depende de donativos ou de ofertas do exterior.

3.5. *Etnicidade patrocinada pelo Estado*

O aditamento significativo ao segundo volume de Glazer e Moynihan é a ideia de que os interesses étnicos podem ser perseguidos relativamente ao Estado. Uma vez que o Estado toma parte na utilização de categorias étnicas para distribuir recursos, ele cria ou confirma categorias étnicas e faz da etnicidade um princípio instrumental político. O comentário “azerbeijani” sugere a sua supervalorização pelos autores. Conforme Steve Fenton no seu livro *Etnicidade* publicada por *Espistemologia e Sociedade* explica: As canções de Estado na definição de grupos étnicos e na regulamentação de direitos, privilégios e proibições, segundo linhas étnicas, são pelo menos tao importantes como as relações entre indivíduos e coletividades segundo linhas étnicas.

3.6. *Unidades etnolinguísticas*

As unidades etnolinguísticas surgiram em períodos diferentes, como resultado da

miscigenação e diferenciações dos imigrantes Bantu dos anos 200 d.C. entre o norte e o sul de Moçambique, até ao séc. XVI, altura em que se cristalizou uma nova cultura e identidade, destacando-se os Macuas os Rongas, os Loló ou Lomué. Com o desaparecimento do Estado Marave, surgiram designações etnolinguísticas como Nianja, Yao Mwani e Maconde.

Os Ndaus e Chopi surgiram, aproximadamente em 1830, durante o M'ficane. No séc. XVII falava-se da língua Sena, enquanto o Chona teve o significado actual no séc. XIX (1850-1885) como Stonga (Ronga -séc. XVIII. CHANGANA – Sena XIX, Taxa – Matosa-XVIII) *verificar*

3.7. Unidades Etnolinguísticas

Século	Línguas
Secie até ao séc. XVI	Bantu
SEC. XVI	Nianja, Yao, Mwani, Maconde, Macua, Lomue
Sec. XVII	Sena
Sec. XVIII	Ronga e Tswana
Sec. XIX(1830)	Ndaus e Chopi
Sec. XIX(1850-1885)	Chona e Tsonga
Séc. XIX	Changana

Conforme a História das instituições Políticas III da UCM-CED na página 117 “... Após a independência, o complexo mosaico cultural moçambicano refletiu no processo da construção da identidade nacional, particularmente no processo educativo, para garantir a integração dos moçambicanos dentro dos 16 grupos étnicos e 24 línguas existentes e vários dialetos, conforme o censo de 1980.”

Assim, podemos dizer, a Nação moçambicana ainda está por ser construída. A verdade é que a região que hoje se chama Moçambique é habitada por vários povos. Em Moçambique, do rio Rovuma ao rio Maputo, Zumbo até ao oceano indico, encontramos vários conjuntos de indivíduos dotados de liberdades naturais, unidos por interesses e idiomas comuns de cada grupo.

Cada conjunto ou grupo tem a sua ideologia, seus princípios , seus ideais , seus conceitos, princípios , doutrinas, políticas e socio - económicas próprias de um grupo social.²²

Todavia, conforme a Frelimo de Machel, era preciso eliminar as autoridades que coexistiam no sistema colonial, nomeadamente á dos chefes tradicionais e a própria administração colonial.

No entanto, o poder dos chefes tradicionais tem a sua origem na sociedade tradicional e no passado, baseava-se numa conceção popular de legitimidade, e não na força. Isto podia criar problemas do tribalismo e regionalismo no futuro, contrapondo.

Assim a ideia da construção duma sociedade unitária e igualitária.

3.8. A GÉNESIS DOS MOVIMENTOS QUE FUNDARAM A FRELIMO

Os portugueses tinham tentado isolar Moçambique das mudanças que se operavam noutras partes da Africa.

Uma grande parte da população fora afetada pela mão-de-obra migrante, quase não havia uma família africana no distrito de Tete, no sul do Save ou no extremo norte que não tivesse membros seus a trabalhar no estrangeiro. Assim, os Moçambicanos no estrangeiro ficavam exposto a todas as marés da política e do pensamento moderno e muitos deles reagiram envolvendo-se nos assuntos políticos do país de acolhimento.

O Jovem Eduardo Chivambo com apenas 28 anos de idade funda em 1948 o NESAM (Núcleo dos Estudante Secundários de Moçambique) em Lourenço Marques, uma organização radical, que não teve impacto desejado para a libertação de Moçambique contra o jugo colonial português, pois, com saída do fundador para os EUA, onde continuou com os seus estudos, os outros componentes do Núcleo abandonar-mo, aliada a perseguição da PIDE-DGS, criando desta forma as condições para o desaparecimento definitivo do movimento.²³

Foi no estrangeiro que o nacionalismo moçambicano nasceu efetivamente. Repetidas vezes a PIDE (Polícia de Investigação de defesa do Estado) e as autoridades fizeram

desaparecer organizações africanas independentes, pelo que só os moçambicanos expatriados puderam reagir á primeira onda de descolonização em finais da década de 1950, formando movimentos de independência entre os seus concidadãos nos países vizinhos.

Somente três destes primeiros movimentos são agora lembrados uma vez que foram eles que se juntaram para fundar a Frelimo nomeadamente a Udenamo, Unami e a Manu.

Estas organizações situavam -se entre grupos específicos de expatriados que por sua vez tendiam a provir de regiões específicas de Moçambique. Destes movimentos, somente a Manu tentou actuar dentro de Moçambique e foi uma multidão de apoiantes seus que se reuniu para apresentar uma petição ao administrador local de Moeda, em junho de 1960. O Administrador recebeu os manifestantes chamando as tropas, que abateram uma série de manifestantes numa versão moçambicana de Sharpeville. Neste dia 16 de Junho foram massacradas pelo regime colonial português mais de 500 pessoas e um número elevado de feridos. E este acontecimento ficou conhecido de massacre de moeda. Este massacre politizou o povo maconde, contra a dominação portuguesa, não somente ao povo maconde , mas a todo território moçambicano, que na altura sofria a colonização.

Embora se diz atualmente que cada povo defendia a sua região, é necessário perceber que cada movimento defendia o seu povo , sua cultura e sua ideologia, pois, cada região tinha o seu Estado e fazia parte da sua própria identidade. Por isso podemos dizer que é prematuro dizer que os movimentos defendiam suas próprias regiões.

Ora vejamos:

Como já dissemos anteriormente que foi no estrangeiro que nasceu nacionalismo moçambicano partir dos finais da década de 1950. Somente três destes primeiros movimentos são agora lembrados uma vez que foram eles que se juntaram para formar a Frelimo : A MANU, UDENAMU E UNAMI.

1- A MANU, seu dirigente era o makonde Mathew Mmole, que no 1º Congresso, foi eleito para as funções de Vice - Secretário de departamento de Administração, ocupando na hierarquia da Frelimo 11º lugar, acima dele estavam, Eduardo Mondlane , presidente, Uria Simango, vice-presidente, David Mabunda, Secretário-geral, Paulo Gumane, Vice-secretário Geral, Marcelino dos Santos, Secretário do departamento de relações

exteriores e do Departamento de organização interna, João Msadala, Tesoureiro, João Mauenda, Vice Tesoureiro, Leo Milas, Secretário do departamento de informação e propaganda e Laurence Mallinga, vice-secretário do departamento da Juventude.

A MANU(inicialmente Makonde African National Union, depois Mozambique African National Union ou em português União Nacional Africana de Moçambique), fundado entre macondes no Quênia e na Tanzânia.

A UDENAMO (União Democrática de Moçambique), fundado pelo Adelino Gwambe na antiga Rodesia, precisamente em Bulawayo actual cidade zimbabwena, composto maioritariamente de emigrantes proveniente das atuais províncias de Sofala e Manica e também faziam parte da direção do movimento Urias Simango, Absalon Bahule, João Mungambe, Constantino Duma gane, Fernando Mungaka.

A UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente), criada no Niassalandia, actual Malawi, precisamente na cidade de Bulantire, pelo enfermeiro Baltazar da Costa Changonga e Evaristo Gadada. Também fazia parte do grupo Inácio Nunes.

Para compreender os contornos da questão identitária em Moçambique, partir-se-á, antes de mais, do período de formação da Frelimo .

Antes de mais, é preciso recordar que a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), constituída em Junho de 1962, em Dar-Ex-sala-Salam, na Tanzânia, é, oficialmente, resultado da fusão de três movimentos, nomeadamente: a União Nacional Democrática de Moçambique (UDENAMO), a União Nacional Africana de Moçambique (MANU) e a União Nacional para Moçambique Independente (UNAMI).

A MANU (inicialmente Makonde African National Union , depois Mozambique African National Union ou em português União Nacional Africano de Moçambique), os líderes deste movimento eram Matews Mmole e Malinha Milinga, Homens da etnia Makonde, oriundos da província nortenha de Cabo Delgado, era um movimento essencialmente formado por emigrantes makondes no Kénia e na Tanzânia. Foi uma multidão de apoiantes seus que se reuniu para apresentar uma petição ao administrador local em Mueda em junho de 1960. O administrador recebeu os manifestantes chamando as tropas, que abateram uma série de manifestantes numa versão moçambicana de Sharperville. Esta experiencia demonstrou que os portugueses estavam empenhados em

usar as tropas nos distúrbios provocados pelos civis e provou a futilidade de lançar camponeses desarmados em manifestações contra o regime implacável. Mueda ajudou também a politizar o povo makonde e, por conseguinte, influenciou bastante o modo como se desenvolveram a Frelimo e a sua campanha.

A UDENAMO tinha como seus fundadores emigrantes moçambicanos na antiga Rodésia do Sul, cuja maioria era originária do antigo distrito de Manica e Sofala, embora o seu presidente Adelino Chitofó Gwambe, natural de Inhambane, província localizada no sul de Moçambique, limitado a norte pela província central de Sofala, terra do Carismático Padre Mateus Pinho Gwenjere e de Urias Timoteo Simango, Mas que antes de emigrar para a Rodésia do Sul, assistiu a revolta dos trabalhadores da companhia de açucareira de Búzi, na província central de Sofala (terra de Padre Gwenjere e de Simango) Gwambe tinha trabalhado na Beira, antiga capital do distrito de Manica e Sofala.

Adelino Chitofó Gwambe fundador da UDENAMO, havia até meados de 1962 conseguido tratar com as autoridades ganenses a questão de treinamento dos primeiros guerreiros para a formação do braço armado de libertação de Moçambique, e largas somas de dinheiro entravam nos cofres da UDENAMO, mormente vindas do leste europeu através do governo ganense. Se havia questões relacionadas com a conduta de Gwambe, estas poderiam ser resolvidas através do diálogo.

Muitos membros da UDENAMO e MANU, entendiam que os esforços da esperada UNIDADE havia sido alcançada a partir de Gana, como resultado da assinatura da declaração conjunta, assinada pelos dirigentes da UDENAMO e da MANU em Dar-Ex-sala-Salam, na capital tanzaniana em 24 de Maio de 1962, muito antes da chegada de Eduardo Chivambo Mondlane em Tanzânia, pois este foi convidado e aterrado na pista do Aeroporto de Dar-Ex-sala-Salam na primeira quinzena de Junho do mesmo ano para participar no 1º congresso do movimento ora criada na noite de 1 de Junho de 1962 em Acra, capital do Gana.

Conforme Fanuel Mazula, um dos cofundadores da UDENAMO e vice-presidente do movimento, em entrevista com Barnabé Lucas Ncomo, diz que a *primeira Frelimo* foi criada em Acra, capital do Gana na noite de 1 de Junho de 1962 e Adelino Gwambe fora eleito presidente, aquando o convite formulado pelo presidente ganense a este movimento com vista à unificação dos movimentos de libertação de África, desta feita

para participar na *AI African Freedom Fighters Conference*, que se realizou de 30 de Maio a 02 de Junho de 1962.

A UNAMI (União Nacional Africano de Moçambique Independente) , a sua liderança cabia aos nacionalistas (Baltazar da Costa Changonga e Evaristo Gadaga, originários da actual provincia de Tete, actual distrito de Mutarara, formada em 1961, na Niassalândia actual Malawi. Também fazia parte da direcção deste movimento Inácio Nunes, proveniente do mesmo distrito. Este movimento apoiava-se no MCP (Movimento do Congresso Popular) do presidente malawiano Kamuzu Hansting Banda) , com um pequeno grupo de amigo , Changonga fundara a UNAMI em Moatize. E devido as perseguições da PIDE (Policia Internacional de Defesa do Estado), policia dura do fascismo português, o grupo chefiado por Changonga e Gadaga, tiveram que exilar-se no Malawi, e em 1961 efetiva-se a criação do movimento, que tinha como objetivo libertação do povo principalmente do vale do Zambeze do jugo colonial fascista português.

Segundo reza a história oficial em Moçambique, a UNAMI, era um movimento insignificante, constituído apenas pelo seu líder e pouco mais de meia dúzia de pessoas. Esta ilação é desmentida por um Ex- membro daquele movimento Job Ntundumula já velhinho conta sobre a UNAMI o seguinte maneira: “ *a UNAMI foi fundada na clandestinidade em 1960 na provincia de Tete. Depois, os seus dirigentes tiveram que exilar-se no Malawi. Passou então a fazer o seu trabalho de recrutamento a partir daquele país. Tínhamos radicado naquele país muitos membros, maioritariamente provenientes de Tete, Zambézia e Niassa. No início nem a UDENAMO, nem a MANU se podiam arvorar centenas de membros. Quando muito, algumas dezenas porque todos acabavam de ser criados e a UNAMI já existia. Na qualidade de dirigentes do movimento, Baltazar Changonga e Evaristo Gadaga, deslocaram-se a Dar-Ex-sala-Salam com aval da maioria dos membros dirigentes do nosso movimento para irem informar a Frelimo de que a UNAMI não devia ficar fora da união. Os dois tinham instruções para aceitarem qualquer compromisso de integração, desde que os objetivos fossem claros. E foi o que aconteceu. Depois de o nosso presidente nos ter informado sobre o compromisso da integração, a maioria dos membros da UNAMI, deixou o Malawi para Tanzânia para se juntar a Frelimo. Por conveniências políticas, pessoas como Hélder Martins, Marcelino dos Santos e outros da Frelimo hoje, dizem que a UNAMI não era nada. Bom!... Eles é que têm o poder. Queriam que logo no primeiro dia Changonga e Gadaga se apresentassem em Dar-Ex-*

sala-Salam com um regimento de mil pessoas, numa situação em que ninguém de nós sabia como seríamos recebidos?!...”

A NESAM (Núcleo dos Estudantes Secundários de Moçambique) de que Eduardo Chivambo Mondlane fora um cofundador em 1949, na cidade de Lourenço Marques, actual capital do país situado na região sul, foi uma associação estudantil, que reivindicava a efetivação da independência imediata, mas por via pacífica, contudo não participou na fundação da Frelimo em 1962, embora a maioria dos seus membros, pouco a pouco e um a um foram convidados mais tarde a dirigirem os destinos da Frelimo que nascera em meados de 1962, resultante da fusão dos três movimentos antes referenciados oriundos nas regiões Centro e Norte.

3.9. O MÍTICO DISCURSO DA UNIDADE NACIONAL

A região que hoje se chama Moçambique no período pré-colonial e mesmo no auge do colonialismo português, existiam vários reinos e até “Estados” com despectivo território, língua, tradição, cultura, ideologia e até crenças, por isso os movimentos que fundaram a Frelimo, tinham em consideração o que antes foi referido.

Contudo, para criar a Frelimo, os “patrocinadores” viram a necessidade de haver necessidade de unir todos os povos da região, para combater o inimigo comum que era o colonialismo Português, mais as particularidades de cada povo continuaram dentro de si, por isso já no processo da formação da Frelimo os problemas internos não tardaram, pois eram povos de origens diferentes.

O Homem é um ser complexo, e o Homem Político é muito mais complexo do que um Homem com uma “mente virgem”, tendo em consideração o acima exposto, conforme o que oficialmente é dito, a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) foi resultado da fusão de três movimentos nomeadamente: A MANU (União Nacional Africana de Moçambique) A UDENAMO (União nacional Democrática de Moçambique) e a UNAMI (União Nacional Africano para Moçambique Independente).

A MANU liderado pelos makondes Matheus Mmole e Malinga Milinga, os seus componentes eram na sua maioria emigrantes makondes no Quênia e na Tanzânia

recebiam um apoio enorme da TANU, de Júlios Nyerere, primeiro presidente da República Unida da Tanzânia (composto pela Tanzânia e Tanganyka), após a sua independência.

A UDENAMO tinha como seus fundadores refugiados e emigrantes moçambicanos na antiga Rodésia do Sul, actual Zimbabwe, cuja maioria era originária das actuais províncias de Sofala e Manica tais como (Jaime Maurício Khamba, actualmente exilado nos Estados Unidos, devido os conflitos internos no interior da Frelimo abandona Tanzânia em 1969, Urias Timóteo Simango) só para citar alguns, a excepção do seu líder Adelino Chitofu Gwambe nascido na actual provincia de Inhambane, limitado a norte pela provincia central de Sofala.

E por fim a UNAMI, liderado pelo enfermeiro Baltazar da Costa Changonga e Evaristo Gadaga, todos provenientes do actual distrito de Mutarara provincia central de Tete, e tinha apoio do governo de presidente Dr. Hastings Kamuzu Banda do Malawi.

Porque os membros e líderes destes movimentos traziam consigo os conflitos de dominação dos seus ancestrais, os problemas e o regionalismo na direcção da Frelimo começa exactamente a se exteriorizar no seio dos chefes dos movimentos, foi desta forma que nos princípios de junho de 1962, conforme a entrevista de Fanuel Gidion Malhuza na entrevista televisiva concedida pelo jornalista Emílio Manhique, no programa *Singular da Televisão Estatal – TVM dizia: “ os tsongas não queriam que o líder da Frelimo fosse um ndau”* referindo abertamente ao Urias Timóteo Simango, Malhuza e Calvino Malhayeye e alguns naturais do sul de Moçambique, endereçaram uma carta a Eduardo Mondlane em *Tsonga*, para melhor impressionar o académico Mondlane, que já tinha terminado a licenciatura em antropologia, e funcionário das Nações Unidas, e Também já seccionara na Universidade Americana de Siracusa.

Enquanto se preparava a realização do 1º Congresso da Frelimo em Junho, um punhado de membros da Udenamo, proveniente do sul, estavam já mais preocupado com o poder e não no congresso e muito menos na unidade dos povos de Moçambique, tal como era advogado pelos dirigentes da Tanzânia e do Gana.

Embora, no 1º congresso a ala sulista ganhou a presidência do movimento, os dirigentes de outros movimentos tais como a Udenamo e a Manu, tiveram a sua representatividade, a maioria acabaram por abandonar devido os conflitos étnicos.

A partir daqui a Frelimo criado em junho envés se preocupar em combater o inimigo comum da época, estavam mais preocupados com o poder, perseguições internas e outros males que passaram a enfermar o movimento, criando um clima de tensão entre os compatriotas, tudo isso com objetivo de perpetuar no poder.

Face a esta situação , os eleitos no 1º congresso , alguns makondes, que constituíam o grosso dos emigrantes moçambicanos na Tanzânia, começar descobrir que na direcção da Frelimo grande parte dos membros macondes, abandoaram os seus lugares na direcção da Frelimo a exemplo de Mathews Mmole, antigo líder da MANU, que na Frelimo ocupava o posto de tesoureiro, tinha sido expulso.

Surge nesta época, uma nova UDENAMO, nova MANU e nova UNAMI, desligado a Frelimo dirigida pelo Dr. Eduardo Chivambo Mondlane.

Em 1963 além do líder da MANU foi a vez de expulsão de Baltazar da Costa Changonga, líder e fundador da UNAMI, da etnia Sena, língua falada no norte da provincia de Sofala e Tete. Na mesma altura foram expulsos e ou abandoaram, porque viram os objetivo da criação da Frelimo estavam ser “ *feridas* “os líderes da Udenamo tais como: David Mabunda, Paulo Gumane, Fanuel Malhuza, e João Munguambe.

A situação continua em 1964, quando foram expulsos Leo Milas, Amós Sumane (líder da provincia nortenha de Niassa) e Joseph Chitenje, (líder também proveniente da provincia de Niassa)

A situação agudiza-se em outubro de 1966, com o assassinato do comandante Filipe Samuel Magaia (natural da provincia central da Zambézia, no actual distrito de Mocuba), e com ele foram assassinados todos aqueles que defendiam a participação de guerra de todos os militares, sem contudo haver seleção, pois o comandante Filipe Samuel Magaia defendia que todos deviam participar na guerra contra o colonialismo português, sem contudo, somente pessoas provenientes das regiões centro e norte:

Face a esta situação,, em 1968, estudantes do Instituto Nacional Moçambicano, em Dar-Ex-sala-Salam, na sua larga maioria proveniente do norte do rio Save, acusaram a direcção da Frelimo de tribalismo e de regionalismo, e tomaram posição contra certos professores na instituição. Os estudantes apontaram como exemplos daquilo que consideravam como falta de igualdade na Frelimo, o facto de que, para além de a maioria

dos dirigentes serem do sul de Moçambique, quando um estudante do norte de Save reprovava nos exames finais, era enviado para os campos de treino para a guerra contra o colonialismo português, enquanto um estudante do sul em idêntica situação continua a estudar. Esta situação levou a eclosão de desacatos que levaram o encerramento temporário do instituto, como também a morte de Mateus Sansão Muthemba (tio paterno da jovem Josina Abiar Muthemba, a ex-namorada do comandante Samuel Filipe Magaia e mais tarde Josina Machel pois em Maio de 1969 casou com Samora Moisés Machel, que ocupou o cargo de Magaia após o seu assassinato em outubro de 1966 e vinte anos após em outubro de 1986 também morreu, num acidente de viação em Mbuzine no território sul africano), de salientar que Mateus Sansão Muthemba nasceu Mossul de Moçambique, na altura membro do Comité Central da Frelimo.

A situação agudiza-se após a morte de Eduardo Mondlane Chivambo, primeiro presidente da Frelimo, eleito no 1º Congresso em 1962 em Dar-Ex-sala-Salam, na casa da americana Bett King por volta das 9.00 horas da manhã do dia 3 de Fevereiro de 1969, isto porque Urias Timóteo Simango, então vice-presidente, foi descartado, e fora formado um triunvirato para dirigir os destinos da Frelimo, formado por Samora Moisés Machel, Marcelino dos Santos e próprio Simango, este comportamento assentou mais as divergências no interior do movimento, Em 1969 Uria Simango um documento denunciando a existência do tribalismo e regionalismo, fomentado pelos dirigentes proveniente do sul de Moçambique, que eram considerados como os principais responsáveis pela situação triste que se vivia na Frelimo.

A partir de 1966, verifica-se uma tendência no grupo, infelizmente composto por gentes do sul em que Eduardo Mondlane fazia parte, no sentido de tomarem decisões por eles próprios e obrigando aos outros por meio das suas manobras. Foram realizados vários encontros na casa da americana Janet, a esposa de Mondlane, tendo participado somente pessoas das tribos provenientes do sul. Alguns dos participantes questionavam e ou informavam ao presidente: “ *Temos de compreender que em Moçambique não existe nenhuma tribo superior às outras e todas as tribos devem receber um tratamento idêntico. Devem ter os seus direitos atualmente, durante a luta e depois da independência*”, e estas palavras custaram caro, aos sulistas que defendiam esta igualdade.

Foi a partir desta discriminação que começam a surgir outros movimentos separatistas

que tinham como objetivos principal derrubar o colonialismo português, como por exemplo Mazungo Bobo, Matias Tenda, Amós Sumane e outros criaram em 1968 a UNAR (União Nacional da Rombezia) que pretendia a independência da região que vai desde do rio Rovuma até ao rio Zambeze, pertencente a região norte a centro de Moçambique, ou seja, as províncias de Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Tete , e Zambézia). Os dirigentes da Frelimo proveniente do sul de Moçambique, movidos principalmente por intuits tribais que usavam os nortenhos para a linha de fogo ou que sempre iam a guerra, ficando eles fora da linha de combate, nos gabinetes e ou a estudar no estrangeiro, movimentavam a guerra somente na região norte, e até 07 de Setembro de 1974, a luta de libertação que durou quase dez anos não atravessou o rio Save, pelo contrario, a guerra castigou fortemente as populações do Norte e até do Centro de Moçambique.

Conforme os dirigentes da UNAR, o tribalismo da Frelimo, ilustrado pelo seu presidente, Eduardo Mondlane, que estava rodeado apenas por pessoas do sul, tinha discórdia e divisões no seio dos moçambicanos era frequente no seio da Frelimo dirigido por pessoas no sul o discurso “ *abaixo o tribalismo, o regionalismo e o divisionismo*” mas na prática o que se vivia no terreno era completamente diferente, pois a direcção do movimento estava nas mãos da memória proveniente do sul, os que eram membro da associação dos estudantes secundários de Moçambique já tinham assaltado o poder e por consequência passaram a ocupar lugares chaves do movimento. Esta teoria de abaixo o tribalismo o regionalismo até o divisionismo, criou uma nova elite tribal, mesmo no período da luta armada, e a situação continuou no período pós independência, como adiante apresentaremos, os membros da MANU da UDENAMO e da UNAMI, quase nenhum fez parte da direcção do governo de transição.

Já após a independência , a língua portuguesa foi utilizada como um dos veículos para a construção da identidade nacional, abandonando por completo as línguas locais, de tal modo que foi vedada aos alunos falarem as suas línguas locais nos estabelecimentos de ensino, começando do primário até ao universitário, ferindo sem precedente a identidade.

A maioria dos moçambicanos não se conformaram com a medida, em virtude da mesma ferir os sentimentos dos oriundos do norte de Save, que sempre queixavam do tribalismo dirigentes já sulista da Frelimo. Esta situação atinge o seu apogeu aquando da incapacidade do Estado em promover o desenvolvimento e consequente redistribuição

dos recursos políticos e económicos, sobretudo para os moçambicanos do norte do rio Save.

Para melhor exemplificar podemos pegar o fenómeno “chupa-se sangue” que quase paralisou a província central da Zambézia em 1978, quase três anos após a proclamação da independência Nacional, o governo local indicava um tribalismo como sendo um dos fatores que teria levantado as manifestações violentas no distrito costeiro de Pebane, provocando pelo menos um morto e sete feridos. Conforme os manifestantes protestavam aquilo que viam no terreno, na sua ira os populares questionavam-se: “*Porque todos os responsáveis distritais, locais, diretores e até simples lojas de povo não eram zambezianos, mas sim provinham do sul?*” Esta situação não era de admirar num contexto em que os zambezianos que consideravam excluídos e marginalizados pelo regime excessivamente proveniente do sul de Save, como explica o arcebispo de Quelimane Dom Filipe Governo.

Em 1976, surge a RENAMO -Resistência Nacional de Moçambique, liderado pelos antigos combatentes da Frelimo, descontentes da forma como eram tratados, caracterizado pelo desprezo, discriminados nos cargos de chefia, adicionados com execuções sumárias dos que encantavam opor a humilhação que eram sujeitos, acima de tudo, a execução da maioria dos líderes provenientes das regiões centro e sul de Moçambique, sendo o seu primeiro comandante André Matade Matsangaissa, na altura com 26 anos, rodeados por dirigentes maioritariamente do centro de Moçambique na guerra contra a Frelimo que durou cerca de 16 anos com objetivo de combater o tribalismo instalado no interior da Frelimo.

Esta visão frelimista confundia de certa maneira com a Unidade, tanto propagada pela Frelimo desde da sua fundação em 1962. Esta situação não somente levou à recusa da diversidade das identidades e de interesses no seio da sociedade moçambicana, como também criou conflito entre diferentes grupos. Era a procura da unidade a todo o preço em nome de uma classe operária.

Conforme Ncomo, vamos apresentar algumas personalidades provenientes do norte e centro de Moçambique que foram assassinadas porque exigiam o cumprimento da *unidade nacional* em todas as áreas de decisão.

1. Um jovem operador de Radio, radista, provavelmente natural de Niassa é executado, porque namorava com a filha do Chefe.
2. Manuel Mapfavisse conhecido por Bazuca -natural de Búzi, provincia central de Sofala é assassinado vítima de um golpe de baioneta deferido do lado inferior esquerdo do pescoço, provocou morte instantânea.
3. Esposa de Manuel Mapfavisse ou Bazuca, é encaminhada á Metela para visitar o marido é executada no mesmo dia em que foram executadas as senhoras Celina Simango e Lúcia Tangane.
4. L. Matete e A Kambaza, naturais de Niassa e Zambézia , províncias de norte e centro de Moçambique, são dominados e, no meio de súplicas , são amordaçados, amarrados dos pés às mãos e deitados no interior do Land Rover . Foram regados com gasolina e ateado o fogo.
5. Baltazar da Costa Changonga, Líder da Unami, Natural da província central de Tete, distrito de Mutarara, morre em situações ainda por esclarecer a 25 de Setembro de 1988 na cadeia de Machava.
6. Jaime Sigauke- representante da Frelimo em Lusaka, capital da Zâmbia, natural da provincia central de Manica, é encontrado morto com balas cravada na cabeça, na via que leva a Fronteira de Moçambique com a Zâmbia.
7. Pedro Francisco Simango, natural da provincia central de Sofala, combatente e comandante das armas na Frelimo, foi preso, encaminhado para Nashingweia e posteriormente para Niassa, depois da independência, foi executado sem ter passado por nenhum tribunal.
8. Filipe Samuel Magaia, Vice-Secretário do departamento da defesa, namorado de Josina Abiatar Muthemba, natural da provincia central de Zambézia, no actual distrito de Mocuba, é assassinado por uma rajada de balas a caminho de Niassa, em Outubro de 1966, pelo Lourenço Matola.
9. Barnabé Thawe, Natural do norte de Save é assassinado a semelhança do seu comandante Magaia.

10. Comandante Lino Abrão, provavelmente natural do centro de Moçambique, que operava na província de Niassa, reclama acusando os responsáveis militares de serem mandantes de matanças dos soldados provenientes das regiões centro e norte, foi transferido para Cabo Delgado e nunca mais se ouviu falar dele, e de muitos outros que como ele reclamavam.
11. Silverio Rafael Nungu, eleito Secretário do departamento de Administração no 1º Congresso de 1962, membro da ex-Udenamo, natural da província central de Sofala, defendia que todos devia participar na guerra de libertação, incluindo os provenientes de sul, que ficavam nos gabinetes e em casas luxuosas na Tanzânia. *“ Não lhe deram comida nem água por três dias antes de matá-lo. A coisa que fizeram foi cortar-lhe as orelhas, assá-las e tentar lhe dar para comer . Quando ele recusou cometer este ato de auto-antropofaquismo, alguém bateu-lhe na cabeça com uma pistola e o matou”*.
12. Em Outubro de 1969, reporta-se que dez (10) guerrilheiros proveniente de Sofala e Tete recrutados e acusados de serem simpatizantes do Padre Mateus Pinho Gwenjere foram fuzilados na região de Catur no Niassa.
13. Joaquim Madjivanguire, Combatente da luta de libertação nacional filiado a Frelimo. Natural da província central de Sofala, sofreu maus tratos até a morte em outubro de 1974 na Beira.
14. Casal Ribeiro, Vice-chefe de Departamento de Segurança e Defesa, natural de Mutarara, província de Tete, é considerado persona “non grata”, é despedido na Frelimo e posteriormente é assassinado.
15. Julio Razao Nihia, natural da Zambézia, Lomwe, foi queimado vivo em Ntelela, Província de Niassa.
16. Dra Joana Simeao, natural de Nampula, Macua, foi queimado vivo em Ntelela, na província de Niassa.

3.10. A CONSUMAÇÃO DA ETNIA ELITISTA NA FRELIMO 1974-1975

O presente estudo gera a suspeita que a teoria de unidade nacional propagada no

período de luta armada serviu de “escada” para a minoria de pessoas oriundo da região sul tomarem definitivamente o poder de decisão dentro da Frelimo. Este discurso permitiu o aparecimento uma etnia elitista, e esta situação, foi confirmada 1974, aquando da tomada de posse do governo de transição e o primeiro governo de Moçambique independente, composta maioritariamente de pessoas proveniente do sul de Moçambique, e quase todos eles não aprovaram picadas de mosquito, dormir sem teto, não aprovaram o frio da noite ao relento nem a chuva sem-abrigo, acima de tudo muito poucas vezes experimentaram o combate frente a frente com as tropas portuguesas, pelo contrário, ficavam em Tanzânia em casas luxuosas.

Conforme o livro de Armando Pedro Muiwane , intitulado *datas e documentos da Historia da Frelimo*, passamos a seguir os membros que fizeram parte do governo e despectivos dados biográficos

Presidente da Frelimo

Samora Moises Machel, nascido em Gaza, nas planícies férteis do vale de Limpopo, sul de Moçambique, em 29 de Setembro de 1933 (terra de Mondlane). Chega a Tanzania no 1º semestre de 1963, treinou na Argélia, ocupou o cargo de Filipe Samuel Magaia após o seu assassinato em Outubro de 1966, e vinte anos depois, isto é em 19 de Outubro de 1986 morre num acidente de aviação, em Mbuzini, território sul africano.

Primeiro ministro

Joaquim Alberto Chissano, natural do Chibuto, provincia de Gaza, Sul de Moçambique (terra de Samora e de Mondlane), Nascido em 22 de Outubro de 1939, frequentou a escola primária no Xai-Xai e o Liceu em Lourenço Marques, actual Maputo. Foi o 2º presidente de Moçambique independente, a partir de 1986 a 2004 substituindo Samora Moises Machel, falecido num acidente de viação em Mbuzine a 19 de Outubro de 1986.

Ministro da administração interna

Armando Emílio Guebuza, nascido em Morrupula no dia 20 de Janeiro de 1943, os pais são naturais de Lourenço Marques e Gaza (sul de Moçambique), na altura com apenas 31 anos de idade , Fez o ensino primário e liceal em Lourenço Marques, actual Maputo. Em finais de 1965 chega a Tanzania. Em 1966 é membro do Comité Central. 3º Presidente

de Moçambique independente de 2004 até a presente data.

Ministro da justiça

Rui Baltazar dos Santos Alves, nasceu em Lourenço Marques, actual Maputo, sul de Moçambique em 24 de Setembro de 1933 Não foi membro efetivo da Frelimo, mas desde de 1970 passou a estabelecer contacto direto com a Frelimo.

Mministro da coordenação económica

Mário Fernandes da Graça Machungo, natural de Inhambane, Sul de Moçambique, onde nasceu em 1 de dezembro de 1940.

Em Lourenço Marques foi membro do núcleo dos Estudantes Secundário Africanos

Ministro da informação

José Óscar Moiteiro, nascido em Loreno Marques conta 32 anos de idade.

Fez os seus Estudos primários na Beira e os secundário em Loreno Marques. Estudos universitários em Portugal e Argélia. Licenciado em Direito.

Ministro da educação e cultura

Gideon Ndobe Nasceu a 28 de Agosto de 1938, em Gaza (terra de Mondlane, Samora e Chissano)

Catividades: Estudou e completou a Escola Primaria e o ensino secundário na Republica da África do Sul, no Transval e no natal em 1957. Completou o curso de professores do liceu em 1959, no Natal. Foi professor liceal durante 1960-1964 na Suazilândia em 1964 militante cativo da FRELIMO. Estudos durante 1965-1970 e curso de planificação organização e Administração da educação na Checoslováquia.

Desde 1971-1974 pertence ao departamento educação e cultura secretario do DEC em 1973 e membro do comente executivo.

Ministro do trabalho

Mariano de Araújo Matsinha. Idade: 36 anos. Nasceu em Casula Tete (Centro de

Moçambique). Numa das entrevista ao jornal Savana disse: Era normal fuzilar na Frelimo.

Fez estudos rudimentares e primário em Casula, Tete, e estudos secundários em Lourenço Marques, actual Maputo, no sul de Moçambique.

A seguir a listagem dos membros que fizeram parte do primeiro governo de Moçambique Independente, conforme o decreto de nomeação abaixo:

Discreto de nomeação nº 1-75 de 1 de julho da Presidência da Republica – nos termos do artigo 54 da constituição e nomeado o Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique com composição seguinte:

Marcelino dos Santos, Vice-presidente da FRELIMO, Ministro do Desenvolvimento e planificação económica:

Joaquim Alberto Chissano, membro da Comité Central e do Comité executivo da FRELIMO, Ministro dos Negócios Estrangeiros;

Alberto Joaquim Chipande, membro do Comete Central e do Comité executivo da FRELIMO, Ministro da defesa nacional;

Armando Emílio Guebuza membro de Comité Central e do Comité executivo da FRELIMO, Comissário político nacional, Ministro do interior;

Jorge Rebelo, membro da Comité Central e da Comité executiva da FRELIMO Ministro da Informação.

Mariano Matsinha, Membro do Comité Central da FRELIMO, Ministro do Trabalho:

Sebastiao Marcos Mabote, membro do Comité Central da FRELIMO vice Ministro da defesa Nacional:

- Armando Pagueu, membro do Comité da FRELIMO Vice-ministro dos Negócios Estrangeiros;
- Jose Óscar Monteiro, membro do Comité executivo da FRELIMO Ministro de Estado na presidência

- Joaquim Ribeiro de Carvalho, membro do Comité executivo da FRELIMO Ministro da Agricultura;
- Daniel Saul Mbanze, membro da Comité executivo da FRELIMO Vice-Ministro do interior;
- Graça Simbine, Ministro da Educação e Cultura;
- Helder Fernando Brigido Martins, Ministro da Saúde;
- Mario da Graça Machungo, ministro da Indústria e Comércio;
- José Luís Cabaço, Ministro dos Transportes e Comunicações;
- Rui Baltazar dos Santos Alves, Ministro da justiça.
- Julio Zamith Carilho, Ministro das Obras Públicas e Habitações,
- Salomão Manguambe, ministro das finanças;
- Sebastião Marcos Mabote Vice-ministro de Defesa Nacional exercera cumulativamente as funções de chefe de Estado -Maior-Geral das forças Popular de Libertação de Moçambique.

Dos nomes acima referenciados que ocuparam pastas de ministros, somente dois nomeadamente Alberto Joaquim Chipande, pertencente a etnia Makonde, natural de Cabo Delgado região norte de Moçambique e Mariano Matsinhe, nascido em Tete, centro de Moçambique.

Conclusao

Antes da presença portuguesa ou mesmo do inicio de colonização portuguesa, existiam neste espaço que hoje se chama Moçambique varios Estados e Reinos, e cada estado e ou reino tinha a sua lingua, sua propria cultura, seu proprio territorio, seu proprio povo, sua tradição sua propria religiao, em alguns casos seu proprio deus, e acima de tudo eram estados e ou reinos rivais, pois em todo momento verificavam –se conflitos e ou guerras entre sí, e pelo menos cada um tentava defender o seu territorio dos ataques conta os estados e reinos rivais,

Foi na base desta senda que foram fundados varios movimentos de luta contra a dominação estrangeira portuguesa para defenderem a sua soberania,

Nos anos sessenta formam-se a MANU, a UDENAMO e a UNAMI, sendo a MANU com objectivo de libertar as regioes que hoje fazem parte das provincias de Cabo Delgado e uma parte da actual provincia de Niassa isto na regio Norte, enquanto que a UDENAMO e a UNAMI pretendiam a independencia das provincias centrais de Sofala, Manica e Tete.

Supreendentemente na zona sul nao houve nenhum movimento organizado que teve exito na luta contra a dominação portuguesa neste periodo.

Foram esses movimentos que fundaram a Frelimo, e curiosamente os seus lideres nem sao mencionados no ensino da Historia oficial de Moçambique e por ironia do destino foram assassinados.

Infelizmente, a liderança do novo movimento criado em Junho de 1962 (FRELIMO) è quase na totalidade das pessoas proviniente da regio sul de Moçambique.

Mesmo os dirigentes de Moçambique independente, mais de noventa por cento, a partir de presidente, Ministros, governadores, administradores, chefes de posto incluindo os chefes das lojas de povo criados na era samoriana, vinham da regio sul.

Os proviniente da regio centro e norte foram consideradas de traidores, reaccionarios e contra revolucionarios.

CAPÍTULO IV

4. OS CAMPOS DE REEDUCAÇÃO E A JUSTIÇA POPULAR NA FRELIMO 1966-1988

“ Desejo profetizar aos meus acusadores o que virá depois disto (...) . O que vos digo, a vós que mandais matar , é que logo após a minha morte, vos atingirá um castigo muito mais grave que aquele que me infligis, com esta pena . Assim procedestes, imaginando que desse modo vos livrareis das inquirições sobre o vosso modo de proceder, mas asseguro-vos é justamente o contrario disso que vai acontecer. Em muito maior número serão os vossos inquiridores (...)” Sócrates - (Apologia 39 c-d) citado por Ncomo pág. 38 in Urias Simango, um homem , uma causa.

Na FRELIMO após a subida de Samora Moises Machel criou os chamados campos de reeducação.

Foram instados vários centros de reeducação aqui em Moçambique no período da luta armada e continuaram até o período posterior a independência, e somente esses “Gulags ”terminaram oficialmente nos finais da década de 1980.

Pelo menos existiam em Moçambique independente 16 Centros de reeducação nomeadamente:

- Província de Niassa, no Norte de Moçambique - 6.
- Província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique - 4.
- Província da Zambézia, no centro de Moçambique -1.
- Província de Tete, no centro de Moçambique -1.
- Província de Manica e Sofala -2.

- Província de Gaza -1.
- Província de Inhambane – 1.

Foram aprisionados nesses “centros de reeducação”, milhares de pessoas muitas delas vítimas de perseguições e consideradas pessoas “infames” ou “reacionárias” para a chamada “Guerra prolongada” de libertação de Moçambique, que deveria passar por “trabalhos forçados educacionais”. Os “campos de reeducação” como dizia Samora Machel, que eram campos de “lavagem cerebral” para formar “um Homem Novo” isento de mentalidade do colonizador português.

Os centros de reeducação, tornaram-se o símbolo da repressão, da ditadura do partido único, As condições de trabalho eram bastante penosas, incluíam fome, frio, trabalho intensivo de características próprias de escravatura, por exemplo, com horário de trabalho excessivo e com guardas carrascos e sem escrúpulo acima de tudo desumanos. Floresceram durante a luta armada iniciada em 1964 em Cabo Delgado estendendo-se para as províncias de Niassa (é nesta província em que se localizava o centro mais cruel que se situava no distrito de Magne, na localidade de Metela, o antigo quartel colonial de Viseu, onde nos finais da década 70 foram queimados vivos mais de 200 Homens e Mulheres, dentre eles constam o Padre Mateus Pinho Gwenjere, Urias Timóteo Simango, Dra. Joana Simeão, o Chairman Lazaro Kavandame, Verónica Namiva, e tantos outros que não concordavam com alguns procedimentos políticos no seio da Frelimo, tais como, a seleção para (os cargos de chefia, bolsas de estudo), guerra, torturas, mortes indiscriminadas sistemas da economia, aldeias comunais, partido único etc.

As motivações que levavam muitas das vezes pessoas inocentes para os chamados centros de reeducação eram tanto a punição por crimes comuns e não de guerra, como ideologia contrária ao comunismo, roubo, estupro, imoralidade, vadiagem, delito de opinião etc., como também os adversários políticos do comunismo.

Por exemplo em 1983 quando o actual presidente da República Armando Guebuza era Ministro do interior , montou a “*operação produção*” que consistia em mandar para os centro de reeducação todos os desempregados , que eram na altura apelidados de “improdutivos, Xiconhocas, Madjambenes, e outros “ para as grandes plantações de Arroz em Chócue, para o povoamento e trabalho forçado na provincia de Niassa, para o centro de Sacuze em Gorongosa na província central de Sofala, e também eram enviados para tantos outros existentes neste bela pátria que se chama Moçambique, pintada de sangue dos melhores filhos que foram esquecidos pelo destino.

Recordar que o primeiro comandante da Renamo, André Matade Matsangaissa, ficou preso no centro de reeducação de Sacuse, em Gorongosa, na província central de Sofala, e é neste distrito que morreu de arma na mão, na madrugada do dia 17 de Outubro de 1979, enquanto chuviscava, para mais um combate contra as tropas da Frelimo, que lhe negavam a liberdade de expressão e de escolha, opondo abertamente o comunismo, aldeias comunais , partido único e o sistema de guias de marchas para o deslocamento no interior de Moçambique.

4.1. A vida penosa nos campos de reeducação da FRELIMO (1966-1988)

Os “campos de reeducação” surgidos formalmente após a independência já vinham a funcionar como centros prisionais nas zonas controladas pela guerrilha da ala que se guindou ao poder na FRELIMO. Funcionavam em Cabo Delgado e no Niassa. Era aí que se executavam guerrilheiros, quadros dirigentes, e foi para aí e para vários outros redutos criados após a independência, que milhares de cidadãos foram desterrados, à revelia dos tribunais. Os familiares de muitas dessas vítimas continuam até hoje sem saber do seu paradeiro. Os familiares das vítimas dos ditos “Campos de Reeducação” desconhecem ainda hoje onde estão os restos mortais dos que foram assassinados .

Os “campos de reeducação”, ou “*laboratórios da criação do homem novo*” como os designava Samora Machel, funcionavam ao arredo de instituições judiciais. Quem para lá era enviado, não beneficiava de qualquer proteção legal – estava à mercê de funcionários do Departamento de Segurança da Frelimo e do Ministério da Segurança-SNASP sem qualquer preparação para o cargo que o regime lhes atribuía. O jurista Mário Mangaze chegou mesmo a denunciar publicamente que o Ministério Público, os tribunais, e o próprio Ministério da Justiça tinham o acesso vedado a esses *campos da vergonha*, situação agravada pela decisão do regime em banir a catividade da advocacia no nosso país. Quanto muito, as vítimas do sistema de “*reeducação*” estavam à mercê daquilo que a jurista Lúcia Maximiano descreveu como “*peçoas sem um mínimo de idoneidade moral*” e sem capacidade para “fazer uma reflexão mínima e de pensar que exerciam a defesa como um cato fundamental”. E à luz do estatuto orgânico do SNASP – o famigerado Decreto 21/75, descrito pelo jurista João Trindade como “*uma monstruosidade jurídica* – as vítimas do regime eram despachadas para os redutos do Niassa e Cabo Delgado por decisão exclusiva desse tenebroso serviço que se substituíu ao Ministério Público e aos Tribunais, com a agravante desse documento, tornado lei pelo punho do então verdugo, negar às vítimas as disposições contidas no Artigo 315º do Código do Processo Penal.

Como que a pretender sacudir a água do capote, o próprio Samora Machel admitiria em comício que as práticas de que tivera conhecimento serem norma no “campo de reeducação” de Ruarua lhe causavam indigestão por ser como “palha no estômago”. Porventura, ter-se-á sentido eternamente empanzinado com as práticas, que certamente não desconhecia, correntes em M’telela, um dos mais famosos campos da morte apelidados cinicamente como tantos outros de “*campos de reeducação*”.

Contam as vítimas que passaram por Eluma, outro “*campo de reeducação*” do Niassa, que aquando da visita efetuada pelo então ministro do Interior em Abril de 1976, este deu instruções ao comandante do campo para executar sumariamente todos quantos tivessem a ousadia de dali fugir.

Em Mswaize, também no Niassa, o sistema de “*reeducação*” desumanizava a

mulher, transformando-a em besta de carga, submetida à violência do trabalho forçado de sol a sol e privada de cuidados médicos e alimentação condigna.

No “campo de reeducação” de Naisseko, na mesma colónia penal do Niassa, amarravam-se Testemunhas de Jeová com cordas embebidas em sal, o que inutilizou os membros superiores de muitas das vítimas.

Do campo de Sacuze este na Gorongosa, em Sofala, saíram os que iniciaram a guerra pela democracia, que alguns se recusam a reconhecer como Guerra Civil.

4.1.1. A vida penosa das mulheres no centro de reeducação, a exemplo de Msauize no Niassa

Reportagem de como eram tratadas e humilhadas as mulheres no campo de Reeducação de Msauize publicado no jornal Noticias datada de 13 de Agosto de 1976 pág. 3

«Naquele tempo, ao dizer “viva da Frelimo”, aqui ninguém ia levantar o braço» -- estas as palavras do Comissário Político do Centro de Reeducação para mulheres, em Msauíze, ao pretender traçar um paralelo entre a situação no Centro no início, e na fase actual. O Centro de Reeducação de Msauíze é um dos 5 centros existentes na Província do Niassa a funcionar na dependência do Comissariado Político Provincial, que para este sector específico, tem criada uma estrutura de apoio. Encontra-se situado na parte norte da província, ainda no distrito de Mataka, mas também já muito próximo de Marrupa, que se encontra mais para leste.

Partimos para a viagem a este Centro da Base Central do Niassa Oriental, nas antigas zonas libertadas. O acesso ao local onde está implantado o Centro e feito por uma picada mal-alinhavada, onde despontavam os troncos das arvores que a mão humana teve de abater. Vinte e cinco quilómetros que demoraram 45 minutos a percorrer.

A pé, são duas horas e meio de caminho, informou o comandante da Base Central,

nosso cicerone nesta deslocação.

Esta estrada que vocês estão a ver foi feita pelas Forças Populares e por elas – prosseguiu o comandante. «Elas», as internadas de Msauíze. Mais para adiante grandes clareiras em terreno normalmente coberto por uma vegetação densa e árvores de porte médio, denunciavam de novo a mão humana nesta província onde o elemento humano regista os menores índices de existência de todo o país.

4.2. Organização e estruturas do centro

Centro de Reeducação de Msauíze destina-se a albergar marginais, em princípio prostitutas. Neste momento encontram-se neste local 501 mulheres, vindas de vários pontos do país. A administração, organização e mobilização política encontra-se a cargo do Destacamento Feminino – um pelotão de 38 elementos.

Alvorada às quatro e meia da manhã, limpeza e pequeno-almoço Depois machamba. Almoço. Machamba, novamente. À noite comem outra vez. No entanto, nem sempre temos comida suficiente, de maneira que, às vezes, não se come à noite – responde a comissária política do Centro, que foi quem nos forneceu a maior parte dos esclarecimentos sobre o local.

Além do trabalho na machamba, as reeducadas também têm um programa político no campo. Três vezes por semana há reuniões de mobilização política. O sábado e o domingo são reservados a manifestações culturais.

Porquê a educação política? Ela faz parte dos nossos métodos de trabalho. Ao princípio, aqui, se alguém dissesse, “viva da Frelimo”, ninguém respondia. Nenhuma pessoa compreendia porque tinha vindo para aqui, porque é que tinham que sofrer tanto e suportar estas condições de vida. Era necessário explicar o porquê desta situação.

Depois, no dia-a-dia, iam surgindo outros problemas. As deserções eram em massa. Aqui não temos vedação. As pessoas fugiam porque não conseguiam suportar aqui as condições de vida. Havia muita fome aqui.

A explicação prosseguiu. Sobre a realidade diária do centro e sobre os métodos de trabalho. Assim, ficámos a saber que durante as reuniões que existem periodicamente no Centro, são feitas leituras de discursos e orientações do Presidente Samora Machel e outros textos formativos do Partido.

4.3. Dificuldades do centro

Ao abordarmos este ponto, um sorriso, como que esclarecendo uma situação de rotina, acolheu a nossa pergunta.

Dificuldades aqui são muitas. Começando pela falta de alimentação. Aqui, ao princípio, passámos muita fome. A comida não chegava. Os camiões avariavam-se nas picadas, os alimentos estragavam-se e não chegavam aqui. Tivemos muita anemia aqui. Mesmo agora, só temos sacos no armazém para mais uma refeição. Depois a qualidade também é fraca. Normalmente, só há feijão e farinha.

Depois, não temos roupa para agasalhar. O frio é muito e as casas não têm qualquer proteção dos lados. Não temos mantas. Só distribuímos cobertores àquelas que não tinham nada para se cobrir.

No campo sanitário, a situação também é muito má. As mulheres instaladas no campo eram portadoras de muitas doenças venéreas e no Centro não existem medicamentos para fazer um tratamento eficaz. Os casos mais graves, como por exemplo sífilis, são canalizados para o hospital central, que já existia no tempo da guerra, mas que luta igualmente com muitas dificuldades materiais. Não existem comprimidos para fazer a prevenção do paludismo, pelo que as reeducadas são muito atacadas. Outra doença que existe muito é a sarna, motivada pela falta de higiene. Nós aqui no Centro, distribuimos sabão, mas elas muitas vezes trocam o sabão por comida, o mesmo acontece por vezes com a roupa – explica a Comissária política.

Entre a reeducadas reparámos com uma certa estranheza que a amplitude das idades era muito grande. Havia crianças de tenra idade e mulheres de idade muito avançada. Aqui, além de antigas prostitutas, ainda se encontram Testemunhas de

Jeová e mulheres acusadas de feitiçaria. Aqui formaremos mulheres moçambicanas livres que possam contribuir ativamente para a revolução moçambicana – atalhou o comandante da Base Central.

CONCLUSAO

A FRELIMO foi, formalmente, constituída em 25 de Junho de 1962, após a integração de Movimentos já existentes, como a UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), A MANU (Mozambique African National Union) e a UNAMI (União Nacional Africana para Moçambique Independente), que estavam sedeados em países diferentes e eram apoiados em etnias moçambicanas, também, diferentes. Eduardo Mondlane, com o apoio do presidente Julius Nyere, da Tanzânia, conseguiu conciliar estes três estruturas que se opunham à ditadura fascista e colonialista de Salazar.

Eduardo Mondlane foi nomeado presidente desta nova organização e o Rev. Urias Simango, vice-presidente. O movimento que, ainda, não tinha uma ideologia política marcante, rapidamente chegou à conclusão que o recurso à luta armada era inevitável e passou a enviar os seus quadros para instrução militar na Argélia. Após o regresso de uma grande parte de operacionais, com instrução militar, em 1973, a Frelimo decidiu-se, então, pela luta armada, que começou em 25 de Setembro de 1964 com ao ataque ao posto de Chai, em Cabo Delgado e ao de Cóbue, no noroeste do Niassa, junto ao Lago.

Com o seu regresso, começaram as conflitualidades no seio da Frelimo, com o ressurgimento dos grupos que, em 1962, se juntaram na criação da frente única e com a agravante do surgimento das clivagens étnicas. No período de 1967 a 1970, a luta armada estagnou e até terá sofrido uma certa regressão e é, nesta altura que deserta da Frelimo o Chefe Maconde, Lázaro Kavandame.

É óbvio que a orientação Maoista da FRELIMO impedia qualquer processo democrático e, mesmo antes do acordo de Lusaka, começou com prisões eliminações físicas de opositores, com a complacência de alguns comandos militares portugueses que ordenaram às tropas portuguesas para não se imiscuírem nesses assuntos.

CONCLUSÃO

Em Moçambique existe uma geração colectiva e individual que marca de forma especial a História do País. A presente dissertação está inserida no âmbito da valorização desta geração, nascida da Luta e do espírito de Libertação Nacional.

A grandeza dos símbolos nacionais, como os heróis constitui um exercício importante no processo de consolidação da identidade cultural e da construção da moçambicanidade.

O pretexto fundamental desta visão, é de que não existe nenhum povo sem história e sem cultura. Estas duas dimensões associadas entre si, são o farol de desenvolvimento de um povo, ou de uma nação. É, pois, tomando as referências do passado que os povos se situam no presente e buscam inspiração para os desafios do futuro.

Este país que se chama Moçambique, cuja cultura resulta da miscigenação de comunidade da idade de pedra, da idade da ferro de origem bantu e de povos oriundos, em tempos históricos desde dos tempos remotos, antes da nossa era e até mais recentes, de outros continentes, como a Ásia, a Europa e de outros quadrantes do Mundo. Numa estreita relação com o meio ambiente em que se desenvolveram.

Contudo, a história da sua libertação, apesar de rebuscar e se alimentar dos seus traços culturais, é muito mais recente. Inspirada nas lutas de resistência contra a ocupação estrangeira e colonial, sobretudo nos finais do Século XIX e inícios do século XX, na década cinquenta, a luta foi iluminada pelas correntes independentista, dos pós II Guerra Mundial, particularmente nos países africanos. Na década 60 tornava-se mais clara a estratégia de erradicação do sistema colonial, com a unificação dos três movimentos então existentes, criando-se a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), em 1962.

O surgimento desta Frente estimulou a aderência de muitos moçambicanos à causa da libertação nacional. Com efeito, assistiu-se a movimentações que saiam de todos os cantos de Moçambique, tendo como ponto de concentração, a cidade tanzaniana

de Dar-es-Salam onde estava estabelecida a Sede da FRELIMO.

A Luta Armada fez muitos mártires e deixou muitas famílias sem as pessoas mais queridas. Era gente que desinteressadamente, tudo fazia, apostado a sua própria vida, para que a independência de Moçambique se traduzisse numa realidade. Assim sistematizar as suas realizações, os feitos mais marcantes é o compromisso desta geração. Porquanto se aceitarmos que este exercício é um diálogo entre o passado e o presente, então, concordemos que a responsabilidade da passagem desde testemunho da História de Moçambique para as próximas gerações, seja feita de forma mais objectiva possível, a bem da harmonia do País.

Assim, a divulgação sobre a vida e obra do Padre **Mateus Pinho Gwenjere**, enquadra-se reconhecimento e valorização do seu legado histórico, para a libertação da terra e os homens do seu país, embora não seja oficialmente pelo governo

A presente dissertação demonstra que Padre Gwenjere foi executado pela FRELIMO em resultado de anos de discordância com a liderança do partido. Mesmo que a razão não tenha sido a etnicidade no contexto da altura não se pode eliminar a etnicidade como uma das explicações. Não ser das etnias dos líderes jogou contra a sobrevivência do padre.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ARQUIDIOCESE DA BEIRA, Resenha Histórica, Oficinas da Tilgráfica, Lda, Editorial A.O., Braga, 1988.
 - MANDANI, Mahmoud; FONSECA, Danilo Ferreira; A violência política entre Tutsis e Hútus no Ruanda
 - NEWITT, Malyn, História de Moçambique, Publicação Europa América, Portugal, 1997.
 - NCOMO, Barnabé, Uria Simango um homem, uma causa, 3ª Edição, Edições Novafrica, Maputo, 2003.
 - VASCONCELOS, Daniela, Violência e Direitos Humanos, as lutas por verdade, Justiça e memória na Argentina, Páginas douradas, Edição 3, 2010
 - HEDGES. David (Coord.), História se Moçambique; no auge do colonialismo, 1930-1961, Volume 2, Livraria Universitária, Maputo 1999.
- FERNANDO DAVA. Vida e Obra de Mateus Sansao Muthemba. Colecção Embondeiro, 28.
- GERHARD J. LIESEGANG. A figura de Ngungyane Ngumayo, Rei de Gaza 1984-1985 e o desaparecimento do seu Estado. Colecção Embondeiro nr 8, Maputo, 1986.
- MALYN NEWITT. Historia de Moçambique. BH Publicações Europa – America, Lda, Novembro 1997.
- ARQUIODIOCESE DA BEIRA. Resenha Hhistorica, Beira 1988.
- HISTORIA DE MOÇAMBIQUE. Primeiras Sociedades Sedentarias e Impacto dos Mercadores. 200/300-1886-1930.
- ARMANDO P. MUIUANE. Datas e Documentos da Historia da Frelimo. 1960-1975. 3 Edição. Novembro de 2006.
- LAURINDO MALIMUSSE & ARRISSIS MUNDER. Vida e Obra de Tomas Ndunda. Colecção Embondeiro, 31.
- ARLINDO CHILUNDO, AURELIO ROCHA, DAVIDE EDGES. EDUARDO MEDEIROS e GERHARD LIESEGANG. Historia de Moçambique no auge do

colonialismo. 1ª Edição, Maputo, 1999.

HORTENCIA COSSA & SIMÃO MATARUCA. Moçambique e a Sua Historia. 12ª Classe.

SERGIO VIEIRA. Participei, por isso testemunho. Editora Ndjira. 2010.

RENATO MATUSSE. A Paixão pela terra. Editora MACMILLAN.

BERNABE LUCAS NCOMO. Uria Simango – Um homem, Uma causa. Edições Novaafrika.

Depoimentos

- Depoimento de Matias Mboa antigo combatente e grande amigo e conterrâneo de Samora Machel pelas festividades de passagem dos 25 anos após a sua morte; 19.10.2011 pelas 9:33:24 na TVM.

- Depoimento do comandante Chong no canal televisivo na TIM; 19.04.2011 pelas 11 horas na celebração dos 25 anos do trágico acidente que vitimou Samora Machel.

Jornais e revistas

- Canal de Moçambique de 08.05.2006; pag.18

- Domingo de 10.02.1995

- Savana 19.05.1995

-Savana 10.02.95

-Africa Now, July 1987

Fontes na Internet

ALVARO Teixeira de Oliveira, Frelimo-mais revelações do Inferno “2” (Terça feira, 1 de Dezembro de 2009) <http://grupos especiais.blogs.sapo.mz/12449.html> [Acesso em 24 de Abril de 2012 – online].

ALVARO, Teixeira (GE), Canal de Moçambique, Editorial, 15 Out. 2010 Publicados por grupos especiais http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2008/11/ntelela-campo-de-extern%C3%ADnio.html [Acesso em 24.04.2012 – online].

AROUCA Domingos Jornal Canalmoz <http://www.canalmoz.co.mz/component/content/article/1-artigos-2006/9888-caso-do-divorcio-de-joana-semiao.html> [Acesso em 24.04.2012 – online].

DALMAZIA, Colombo, Revista “andare” de 03 .03.1996 , o artigo Original http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2008/11/ntelela-campo-dextern%C3%ADnio.html [Acesso em 24 de Abril de 2012 – online].

JAIME Mauricio Khamba, Historia de Ntelela, 31.10.2011 <http://comunidademocambicana.blogspot.com/2008/11/ntelela-campo-de-externnio.html> [Acesso em 24.04.2012 - online].

RAIMUNDO Narciso, Under Historia, sexta feira o6 de Março de 2009 at. 12.03.15h <http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2009/03/06/o-campo-de-concentracao-da-machava/> [Acesso em 24 de Abril de 2012].

ANEXOS

Contents

DECLARAÇÃO.....	4
DEDICATÓRIA.....	5
Ao Dr. Simone Jesuina Gimo - Director da Escola Adventista do 7º Dia Manga que sempre este ao meu lado na elaboração deste trabalho - meu afiliado.	5
Ao Dr. Sérgio P. Mangarela - Director da Escola Ellen & White na Manga.	5
Aos meus afiliados e companheiros na batalha dr. Simone de Jesuina Gimo e sua esposa que sempre contei com ajuda deles.....	5
A Dra. Isabel Damião Domingos Fereira Ntefula Damião a minha galvanizadora - actual gerente da Emose-Beira.	5
AGRADECIMENTOS	6
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	7
RESUMO	9
CAPITULO I	10
Introdução	10
1.1. Objetivos	13
1.2. Metodologia	13
1.3. O Padre Mateus Pinho Guengere	16
1.4. O Caso do Padre Mateus Pinho Gwengere	17
1.5. Breve biografia do padre Mateus Pinho Gwenjere	20
1.6. A infancia.....	21
1.7. Convívio familiar	21
1.8. Padre Mateus Pinho Gwenjere com as crianças da sua terra.....	23
1.9. O caso do Administrador de Caia	23
1.10. O Recrutamento dos Jovens em Murraça, Mutarara, Tete e Mopeia	25
1.11. No Julgamento, no Tribunal da Beira	26
1.12. A fuga.....	28
1.13. Padre Mateus Pinho Gwenjere na Tanzânia.....	30
1.14 Padre Mateus Pinho Gwenjere o bode expiatório do Instituto Moçambicano	31
1.15. Eduardo Mondlane acusado pelo Padre Mateus Pinho Gwenjere	33
1.16. Padre Mateus Gwenjere nos Estados Unidos.....	34
1.17. Conclusao	35
CAPITULO II	37
2. O COMEÇO DO ÓDIO CONTRA PADRE GWENJERE	37
2.1 A MORTE DE KANKHOMBA E A SUBIDA DE TENSÃO DENTRO DA FRELIMO	37
2.2 Vitória de Mondlane	38
2.3 Numa primeira fase: Mondlane, Gwenjere e outros lutaram pela mesma causa	39
2.4 Francisco Moises Nota fala da espionagem de Joaquim Alberto Chissano a casa Padre Mateus Pinho Gwenjere em Tanzania	40
2.5. DESCONFIANÇA DO PADRE MATEUS PINHO GWENJERE	42
2.6. O SALÁRIO DAS INJUSTIÇAS	44
2.7 UM OLHAR DA CONVIVÊNCIA DE SAMORA E O PADRE GWENJERE E A	

RESPECTIVA PRISÃO	44
2.8. A última missa oficial do Padre Mateus Pinho Gwenjere	46
2.9. O Padre na Cadeia de Machava.....	47
2.10. O rapto do Padre Mateus Pinho Gwenjere “ o Moises Moçambicano”	48
2.12 Conclusao	51
CAPITULO III	52
3. OS PRIMEIROS ESTADOS MOÇAMBICANOS	52
3.1. Os Estados importantes do norte de Moçambique	53
3.2. Estados importantes no centro de Moçambique Séc. XIII á Séc. XX	54
3.3. Estado importante do sul de Moçambique	58
3.4. ETNIA E O PODER EM MOÇAMBIQUE	61
3.5. Etnicidade patrocinada pelo Estado.....	62
3.6. Unidades etnolinguísticas	62
3.7. Unidades Etnolinguísticas	63
3.8. A GÊNESIS DOS MOVIMENTOS QUE FUNDARAM A FRELIMO	64
3.9. O MÍTICO DISCURSO DA UNIDADE NACIONAL.....	69
3.10. A CONSUMAÇÃO DA ETNIA ELITISTA NA FRELIMO 1974-1975.....	76
Conclusao	81
CAPÍTULO IV	82
4. OS CAMPOS DE REEDUCAÇÃO E A JUSTIÇA POPULAR NA FRELIMO 1966-1988.....	82
4.1. A vida penosa nos campos de reeducação da FRELIMO (1966-1988)	84
4.2. Organização e estruturas do centro.....	87
4.3. Dificuldades do centro	88
CONCLUSAO	89
A FRELIMO foi, formalmente, constituída em 25 de Junho de 1962, após a integração de Movimentos já existentes, como a UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), A MANU (Mozambique African National Union) e a UNAMI (União Nacional Africana para Moçambique Independente), que estavam sedeados em países diferentes e eram apoiados em etnias moçambicanas, também, diferentes. Eduardo Mondlane, com o apoio do presidente Julius Nyerere, da Tanzânia, conseguiu conciliar estes três estruturas que se opunham à ditadura fascista e colonialista de Salazar.	89
CONCLUSÃO	91
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	93
ANEXOS.....	96

⁷ Conforme a entrevista com Ex. Estudante do Padre na Missão de Murraça, Professor Reformado Cipriano Gonçalves Parafino.

⁹ Entrevista com o Regulo Nharrugue, contemporâneo do Padre.

¹⁰ Entrevista com Cipriano Gonçalves Parafino.

¹¹ Entrevista com Benjamim Guenjere, sobrinho do Padre.

¹² Jornal Canal de Moçambique

¹³ Jornal Canal de Moçambique

¹⁴ Ex estudante do Instituto Moçambicano na Tanzania, Baptista Truzão, citado pelo Jornal Canal de Moçambique

⁸ Jornal Canal de Moçambique, de autoria de Baptista Truzão, antigo estudante da Escola Secundaria da Frelimo.

¹⁶ Entrevista com Momboa Alfazema, antigo combatente.

¹⁷ Uria Simango - Um homem - Uma causa

¹⁸ Uria Simango - Um homem - Uma causa

¹⁹ Uria Simango - Um homem - Uma causa

²⁰ Uria Simango - Um homem - Uma causa

²¹ Um ex Seminarista e estudante do Padre em Murraça, Sr D.

²⁸ Alfazema Mumboa, antigo combatente.

³⁰ A figurs de Ngungunhane, Rei de Gaza 1884-1895

²² Moçambique e a sua Historia. Hortencia Cossa & Simão Mataruca.

²³ Historia de Moçambique. Malyn Newitt.